

GRUTA DO ESCOURAL - A NECRÓPOLE NEOLÍTICA

por

Ana Cristina Araújo *, Ana Isabel Santos ** e Nicolas Cauwe ***

Resumo: Dá-se a conhecer o estudo realizado sobre o espólio arqueológico exumado durante os anos 60 nesta importante necrópole neolítica de gruta.

A prática de diferentes rituais de enterramento, alguns dos quais reproduzidos nas plantas e levantamentos realizados em 1963, permitem esboçar um 1º modelo da organização do espaço sepulcral no interior da cavidade. São reconhecíveis, no entanto, importantes perturbações de natureza pós-deposicional, quer na distribuição horizontal, quer na distribuição vertical dos achados.

A cronologia absoluta obtida sobre várias amostras recolhidas na cavidade, e o estudo da respectiva cultura material, permitem estabelecer paralelos com outros contextos arqueológicos considerados cronologicamente contemporâneos.

Palavras-chave: Neolítico. Necrópole. Ritual de enterramento.

INTRODUÇÃO - O SÍTIO

A Gruta do Escoural protagonizou, porventura, a mais importante descoberta arqueológica dos anos sessenta em Portugal. A este facto não era alheia a presença de pinturas e gravuras paleolíticas detectadas no seu interior, presença tanto mais significativa quanto a sua ocorrência era até então única em território português.

Administrativamente, situa-se no concelho de Montemor-o-Novo, freguesia de Santiago do Escoural, lugar da Herdade da Sala, e apresenta as seguintes coordenadas geográficas Gauss (folha 458 dos Serviços Cartográficos do Exército - 1971- Esc. 1/25000):

M - 199600

P - 175100

Altitude - 370

* Departamento de Arqueologia do IPPAR (Lisboa).

** Museu Nacional de Arqueologia (Lisboa).

*** Institut Royal des Sciences Naturelles (Bruxelas).

A localização desta gruta no interior de uma região onde predominam os grandes afloramentos graníticos, que aliás foram excelentemente utilizados na arquitectura funerária megalítica pelas populações agro-pastoris que ali floresceram entre o Neolítico Médio e o Calcolítico, constitui um aspecto excepcional numa paisagem onde não é comum este tipo de formação geológica. A cavidade abre-se num afloramento de calcários cristalinos de época câmbria, muito metamorfizados, incrustados num maciço cristalofílico dominado por gneisses, localizado no extremo SE da Serra de Monfurado. Actualmente, o acesso ao interior faz-se através de uma entrada artificial situada a norte da rede cársica, aberta em 1963 por um tiro de pedreira, quando se procedia a trabalhos de exploração de mármore. Este acontecimento ocasional levou à identificação de uma importante necrópole, excelentemente conservada graças à deposição de uma espessa camada de calcite que preservou uma grande parte da superfície da gruta, mantendo em conexão alguns dos restos antropológicos e os espólios votivos a eles associados.

As escavações arqueológicas iniciaram-se ainda nesse ano, depois dos primeiros trabalhos de levantamento topográfico e da remoção dos materiais que se encontravam à superfície. A responsabilidade desta intervenção foi cometida ao Museu Nacional de Arqueologia (M.N.A.), que solicitou a Manuel Farinha dos Santos a direcção dos trabalhos de campo, que se prolongariam até 1971. O reconhecimento oficial da importância desta jazida arqueológica culminou com a sua classificação como Monumento Nacional através do Decreto Nº 45327 de 25 de Outubro desse mesmo ano.

Os espólios exumados ao longo dos sucessivos anos de escavações arqueológicas efectuadas no local não foram até ao momento objecto de inventário, análise e estudo sistemáticos, encontrando-se, a maioria, em depósito nas reservas do M.N.A.

A importância deste notável conjunto arqueológico justificou que em 1989 se iniciasse um novo projecto da responsabilidade do então Serviço Regional de Arqueologia da Zona Sul e da Universidade de Liège (Bélgica). Este projecto visava fundamentalmente estudar o espólio arqueológico exumado nas antigas escavações, e determinar as suas condições de jazida através da realização de pequenas sondagens pontuais em locais previamente escolhidos, procurando simultaneamente detectar vestígios de outras eventuais ocupações ainda desconhecidas. Este projecto incluía ainda um programa de valorização, conservação e musealização de todo o conjunto arqueológico do Escoural.

O presente trabalho é essencialmente dedicado ao estudo do espólio neolítico proveniente das escavações realizadas entre 1963 e 1968, cujos materiais se encontram depositados no M.N.A., no Museu de Montemor e no Museu de Évora.

I. DESCRIÇÃO DA CAVIDADE

A Gruta do Escoural apresenta uma rede de galerias labirínticas (Est. I, Fig. 1), dispostas segundo um eixo principal de orientação NW - SE, construídas a partir do alargamento de fissuras entrecruzadas, distribuídas por dois andares principais. As paredes são de um modo geral lisas, denotando um tipo de formação em “regime inundado”, sendo os fenómenos de concreção litoquímica constituídos essencialmente por crostas.

São conhecidas diversas entradas. A principal, por onde se faz actualmente o acesso ao interior da cavidade, situa-se no extremo NW, e foi, tal como já referimos, posta a descoberto em 1963. Apesar de ser considerado um acesso artificial, a disposição e inclinação dos sedimentos nesta zona fazem-nos colocar seriamente a possibilidade da existência de uma antiga entrada precisamente neste local. A reforçar esta hipótese, refira-se a presença de uma chaminé, parcialmente cortada pelo tiro de pedreira que levou à descoberta da gruta, justamente no topo da actual porta de entrada. Por outro lado, é precisamente neste sector da gruta, sala de entrada e galerias adjacentes, que se encontram a maior parte dos depósitos arqueológicos, nomeadamente os vestígios da grande necrópole neolítica. Apesar do estudo antropológico se encontrar ainda em curso, é possível adiantar que a deposição dos corpos seria inicialmente feito à superfície; a gestão de um espaço funerário deste tipo requer, supostamente, uma entrada e acessos relativamente amplos. Estes requisitos só se verificam nesta zona da gruta. Com efeito, as restantes entradas actualmente conhecidas são estreitas e bastante sinuosas. Uma segunda entrada, situada precisamente no lado oposto da cavidade, encontra-se virada a SE, e apresenta um acesso extremamente difícil. As galerias que a partir daqui conduzem à área central da necrópole são muito estreitas e baixas, sendo por vezes necessário rastejar para passar de uma galeria a outra, já que o chão rochoso aflora, em muitos locais, à superfície. Torna-se deste modo extremamente difícil imaginar a utilização deste percurso para no fundo da cavidade se depositarem os mortos. Esta segunda entrada foi posta a descoberto a partir do exterior, em consequência da remoção dos sedimentos que a obstruíam, feita no decurso dos trabalhos arqueológicos que aqui tiveram lugar em 1965 e 1966, na altura em que foi escavada uma sepultura cuja atribuição cronológica está ainda por esclarecer.

A terceira entrada conhecida encontra-se sensivelmente a 20 metros para SE da segunda entrada, mas a uma cota inferior. A galeria que dá acesso ao interior da cavidade não apresenta mais de meio metro de altura, sendo necessário rastejar ao longo de todo o percurso que conduz ao sector norte da gruta correspondente ao espaço ocupado pela necrópole. Como vestígios arqueológicos, foram apenas recolhidos fragmentos osteológicos de fauna muito antiga, sobretudo hiena e cavalo, por

vezes muito brechificada, e alguns quartzos talhados semelhantes aos encontrados nas sondagens efectuadas entre 1990 e 1992 na Gal. 18, mas para ali transportados pela acção das águas e pela gravidade.

A planta da cavidade que se apresenta na Fig. 1, da responsabilidade de Phillipe Lacroix (Universidade de Liège), é o documento mais recente e mais completo da complexa rede de galerias que constituem a cavidade. Em 1963, foi realizada uma primeira planta muito esquemática da gruta, onde apenas foram implantadas a Sala A e três galerias às quais se atribuíram os números 1, 2 e 3; em 1967, Manuel Farinha dos Santos apresenta um plano parcial de duas novas galerias, denominando-as, igualmente, pelos números 2 e 3; em 1980, já em parceria com Mário Varela Gomes e Jorge Pinho Monteiro, é publicada uma planta mais completa da cavidade. Para evitar confusões e sobretudo imprecisões na análise, será utilizada ao longo deste trabalho a planta da Fig. 1; a diferenciação das galerias far-se-á, do mesmo modo, segundo a numeração aí apresentada.

II. SITUAÇÃO DO ESPÓLIO DAS ANTIGAS ESCAVAÇÕES

Os materiais, na ordem dos milhares de peças, encontram-se na maioria inéditos, tendo sido apenas sumariamente inventariados. Como já foi anteriormente referido (Silva et al 1991), a primeira fase de trabalho, já ao abrigo do novo projecto, consistiu, fundamentalmente, na reorganização do espólio e de toda a documentação existente. Esta reorganização permitiu reconhecer as metodologias utilizadas nas várias fases de trabalhos de escavação, principalmente no que diz respeito à distribuição espacial e estratigráfica de uma parte significativa dos achados. Contudo, o facto de estarmos perante uma colecção já parcialmente desmantelada pelas sucessivas tentativas de tratamento e análise, fez com que se perdessem irremediavelmente muitas das informações a ela respeitantes. Por outro lado, a impossibilidade de acesso aos cadernos de campo dificultou, e em muitos casos impossibilitou, a tarefa de tornar inteligíveis as várias e diversificadas informações contidas nas etiquetas que acompanhavam as peças. Para além dos problemas de correspondência entre os talhões de 1963 e 1964 referenciados na sala 1, subsistem outros, nomeadamente no que diz respeito às numerações atribuídas às diferentes galerias durante os anos em que foram realizados trabalhos arqueológicos nesta gruta. Não sendo possível controlar, com base nas informações actualmente disponíveis, o ano (ou anos) em que se procedeu a esta renumeração, não se poderão associar entre si alguns dos materiais exumados nas diferentes campanhas de trabalho. Esta tentativa de reconstruir todo um processo de escavação a partir única e exclusivamente de

alguns levantamentos e plantas realizados em 1963, e das informações codificadas que acompanhavam os materiais, é problemática e comporta naturalmente muitas imprecisões e riscos. No entanto, foi mesmo assim possível entender, na sua globalidade, o tipo e natureza das ocupações humanas presentes nesta jazida arqueológica, através do estudo dos materiais que apresentavam indicações de proveniência espacial e estratigráfica seguras e da análise da documentação produzida em 1963.

III. PUBLICAÇÕES PRODUZIDAS E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

Os trinta anos passados sobre a descoberta deste sítio, e as cerca de uma dezena de publicações científicas parcelares produzidas, não forneceram a tão esperada síntese que explicasse globalmente o tipo e natureza das ocupações humanas ali ocorridas. Com efeito, os materiais nunca foram objecto de estudo e publicação sistemáticos, salvo em casos excepcionais, como por exemplo o contexto cardial (Santos, 1971), muito sumariamente descrito, e uma parte significativa da arte rupestre (Santos et al, 1980). O estudo mais importante relativo à necrópole prende-se com a análise antropológica dos restos humanos (Isidoro, 1981). Infelizmente, a análise incidiu exclusivamente na procura de índices osteométricos, obtidos a partir dos ossos inteiros, sendo excluídos os inúmeros fragmentos cujas características anatómicas e grau de conservação não eram considerados suficientemente representativos.

Num artigo publicado em 1985, M. F. dos Santos propõe uma sequência de ocupação no interior da gruta que se iniciaria num momento anterior ao da sua utilização como santuário rupestre do Paleolítico Superior e se prolongaria pelo Neolítico Antigo, atingindo, no entanto, a sua maior expressão no Neolítico Médio.

A exemplificar este esquema apresenta para a fase mais antiga de ocupação um conjunto de achados constituídos por “esferóides”, bem como alguma fauna fossilizada plistocénica, esta última exumada nos níveis mais profundos da sequência estratigráfica. Refere ainda a existência de uma indústria “leptolítica”, numa galeria “localizada junto à entrada primitiva da gruta”, sem contudo lhe precisar a natureza tipológica e cronológica. A presença de dois fragmentos de folhas de loureiro encontrados na grande sala da entrada, levariam este mesmo autor a propôr uma cronologia solutrense para a arte parietal do Escoural.

A descoberta de alguns fragmentos de cerâmica com decoração cardial, “associada a micrólitos”, permitiram a este mesmo autor identificar no interior da gruta um horizonte de ocupação do Neolítico Antigo.

No entanto, a grande uniformidade e coerência do espólio recolhido,

sobretudo no que respeita à cerâmica, caracterizada essencialmente por formas esféricas e lisas, onde sobressaem alguns revestimentos de tipo “almagrado”, associada a machados e enxós de pedra polida, lâminas de sílex e furadores em osso, levaram Farinha dos Santos a considerar que a necrópole dataria sobretudo do Neolítico Médio. A este facto não é alheio todo o trabalho desenvolvido anteriormente naquela região pelo casal Leisner e por Manuel Heleno, nomeadamente na prospecção e escavação de centenas de monumentos megalíticos, que lhes permitiu esboçar um quadro da evolução cronológico-cultural das comunidades humanas agro-pastoris que ali se estabeleceram a partir do Neolítico. No que respeita à organização do espaço sepulcral, Farinha dos Santos refere muito sumariamente a prática de rituais diversos, não adiantando contudo dados mais concretos sobre este assunto.

Recentemente é proposta uma nova sequência de ocupação no interior da cavidade (Santos et al, 1991). Esta sequência é obtida a partir do estudo tipológico de duas peças exumadas na cavidade, que se encontram depositadas no Museu dos Amigos de Montemor. A análise destes dois artefactos, “um alfinete” e um “ídolo falange”, levam estes mesmos autores a considerar a existência de uma ocupação da cavidade durante o Neolítico final e o Calcolítico, dando deste modo continuidade à necrópole do Neolítico Médio aí existente.

IV. PROBLEMAS DE NATUREZA ESPACIAL E ESTRATIGRÁFICA

Parecem existir duas áreas bem distintas no interior da cavidade: a zona da entrada actual, no sector norte da rede cársica, onde se situam a sala 1 e as galerias imediatamente adjacentes, corresponde grosso modo ao espaço ocupado pela necrópole neolítica e pelo “santuário” rupestre do Paleolítico Superior; o sector sul, nas galerias situadas junto a uma antiga entrada virada a SE, apresentam sobretudo vestígios de preenchimentos resultantes da acumulação de depósitos provenientes de ocupações do Paleolítico Médio, do Neolítico Antigo e do Calcolítico que tiveram lugar no exterior da cavidade.

Este amplo espaço parece ter sido assim sucessivamente reaproveitado por grupos humanos que, em momentos distintos e com motivações diferentes, aqui deixaram testemunhos importantes do seu comportamento.

Apesar de terem sido realizadas escavações pontuais em vários sectores do interior e exterior da cavidade no sentido de melhor conhecer as condições de jazida dos materiais exumados nos antigos trabalhos, não é naturalmente possível controlar, a posteriori, toda a gama de problemas que se deparam no próprio momento da escavação e que só aí podem ser detectados e isolados. Com efeito, certas modificações das posições e associações originais dos arte-

factos, resultantes de perturbações de natureza pós-deposicional, quer de origem antrópica quer derivadas da acção dos pequenos carnívoros, são extremamente difíceis, se não mesmo impossíveis, de reconhecer em gabinete.

Distribuição espacial dos achados

Na altura da sua descoberta, uma parte significativa da superfície da cavidade encontrava-se coberta por uma espessa camada de calcite. Este fenómeno, sendo posterior à última utilização da gruta como necrópole, em muito contribuiu para que se mantivessem em conexão alguns dos restos humanos aí depositados, bem como os espólios a eles associados. A sala 1 e as galerias 6, 11 e 7, que correspondem à área central da necrópole, apresentavam, à superfície, grupos ou associações de artefactos como já aludimos anteriormente. As plantas da superfície realizadas nessa altura retratam em parte o estado em que se encontravam os diversos contextos funerários. Se em alguns casos as respectivas estruturas não parecem ter sofrido deslocações significativas das suas posições originais, noutros, mais numerosos, é bem visível o grau de destruição sofrido. Na sala 3 também foram exumados os restos de pelo menos dois indivíduos, cujos ossos se encontravam aparentemente concentrados numa área restrita do talhão 6.

A análise da distribuição espacial do espólio funerário - cerâmica, indústria lítica e óssea, adornos e outros objectos votivos - apresenta padrões de distribuição muito uniformes. A sala 1 apresenta-se, neste aspecto, como local privilegiado. Apesar de existirem dúvidas quanto à localização de algumas das galerias, é notório que a grande concentração dos artefactos votivos se verifica na sala de entrada e nas galerias que com ela comunicam. Uma parte significativa do espólio cerâmico, nomeadamente os recipientes que se encontram inteiros, foram igualmente recolhidos neste sector da cavidade. No entanto, colagens efectuadas entre inúmeros fragmentos pertencentes a um mesmo recipiente, exumados em diferentes grupos da sala 1, cuja localização precisa é por enquanto desconhecida, mostram a existência de deslocações, não sendo possível avaliar, no entanto, o grau de dispersão efectivamente sofrido. Num tipo de jazida arqueológica como a que estamos a tratar, uma necrópole de gruta, são inúmeros os factores que intervêm nas modificações da "ordem original". Aos processos de degradação naturais (actividade dos pequenos carnívoros, alterações químicas provocadas pelo tempo), juntam-se outro tipo de variáveis, desta vez ligadas à própria estruturação do espaço funerário, por forma a tornar a "área sepulcral" existente mais rentável em termos do espaço disponível. Neste caso, a remoção das ossadas para a instalação de novas sepulturas provoca naturais misturas e conduz inevitavelmente a modificações na estrutura de

disposição original dos vestígios. Deste modo só as observações feitas “in situ” permitem separar aquilo que resulta de uma opção deliberada, do que é provocado por fenómenos contingentes e circunstanciais.

Se foi possível avançar com algumas observações de carácter espacial em relação ao espólio que se encontrava à superfície coberto por calclite, não nos é possível de forma alguma avaliar este mesmo aspecto em relação aos materiais que se encontravam nos níveis subjacentes. Com efeito, a inexistência de plantas para os anos de escavação posteriores a 63, e sobretudo o desconhecimento da localização de algumas das galerias entretanto escavadas (não esquecendo as confusões de numeração a que anteriormente aludimos), tornam extramamente difícil este tipo de análise. A cerâmica cardial identificada, apresenta-se dispersa (ver capítulo respeitante ao contexto cardial) e não é possível saber o tipo e natureza de ocupação (funerária?) a que se encontrava associada. Os materiais paleolíticos, mais concretamente do Paleolítico Superior, parecem ter sido encontrados na zona correspondente à área ocupada pela necrópole e pelo santuário rupestre. No entanto, a exiguidade da amostra, e sobretudo as imprecisões nos registos de escavação a partir de 1964, não permitem avaliar o tipo de distribuição espacial e muito menos entrar em considerações de natureza tafonómica.

Estratigrafia observada e sua crítica

A forma como os materiais se encontravam distribuídos em profundidade apresenta-se, igualmente, problemática. A partir da análise da documentação produzida em 1963 e 1964, é possível tecer algumas considerações sobre a estratigrafia encontrada na Sala 1. Desta documentação faz parte um conjunto de perfis estratigráficos associados a algumas observações de carácter sedimentológico. Foram deste modo definidas três camadas distintas, com espessuras variáveis consoante a maior ou menor potência estratigráfica das áreas sondadas. A sequência pode ser descrita da seguinte forma:

- Superfície** – placa estalagmítica;
- 1ª camada** – “terra preta”, varia entre os 10 e 20 cm, com bolsas de cinzas a que o escavador chama “cinzeiros”;
- 2ª camada** – “terra amarelada”, de maior potência sedimentar, entre 30 a 60 cm, atingindo no entanto na secção d, os 2,50 metros;
- 3ª camada** – “terra amarela clara”, por vezes denominada de “piçarreira”, que assenta sobre a “rocha natural”. Esta aflora a diferentes profundidades, conforme se pode depreender do seguinte quadro (profundidades tiradas no meio das secções):

QUADRO 1

Profundidades atingidas nas Secções (Quadrados) a a g da Sala 1

	Sec. a	Sec. b	Sec. c	Sec. d	Sec. e	Sec. f	Sec. g
Perfil E	80 cm	90 cm	130 cm	35 cm	90 cm	50 cm	230 cm
Perfil E	80 cm	50 cm	(1)	40 cm	60 cm	80 cm	250 cm

(1) - Na secção c, a rocha aflora à superfície.

São referidas, por vezes, lentículas de “terra esbranquiçada” na transição da 2ª para a 3ª camada, e fragmentos de placa estalagmítica no topo da 3ª camada.

A sala 1 não foi contudo totalmente escavada. Como se pode verificar ainda no local, em muitos dos quadrados (“secções”), foram retiradas apenas a placa estalagmítica superficial, e as 1ª e 2ª camadas. Os perfis E e W anteriormente referidos, correspondem a uma fileira de quadrados (secções a a g), dispostos segundo um eixo de orientação Norte-Sul, localizado próximo da parede W da referida Sala .

Sob o ponto de vista arqueológico, os materiais neolíticos encontram-se quase exclusivamente associados à placa estalagmítica superficial e à 1ª camada (a segunda é arqueologicamente bastante mais pobre). A 3ª camada é aparentemente estéril do ponto de vista arqueológico, pelo menos a avaliar pelos materiais aqui exumados, constituídos apenas por fauna (sobretudo ossos de coelho), e corresponde a um preenchimento plistocénico. Uma sondagem realizada em 1989 na sala 1, situada por baixo da entrada actual, aproveitando parte de um corte-testemunho deixado pelas antigas escavações, revelou-se quase estéril, à excepção da placa estalagmítica superior, correspondente à superfície actual da gruta. Envolvidos pela calcite, encontravam-se materiais absolutamente comparáveis aos artefactos recolhidos à superfície e na 1ª camada das antigas escavações. As camadas inferiores, estéreis, à excepção da camada imediatamente subjacente à placa estalagmítica que continha ainda alguns materiais arqueológicos, encontravam-se fortemente perturbadas pela presença de grandes tocas. Os sedimentos apresentavam-se inclinados para o interior da cavidade.

Em relação às restantes galerias, apesar de não existir qualquer documentação sobre a estratigrafia detectada, é possível verificar, da observação feita in situ, que as Galerias 6 e 11 continham uma potência sedimentar bastante reduzida, por vezes com o chão rochoso a aflorar praticamente à superfície. Os materiais arqueológicos aqui exumados, e isolados por grupos, como anteriormente referimos, encontravam-se embalados na placa estalagmítica. Os sedimentos subjacentes, praticamente estéreis, estão contidos em bolsas ou entre as fissuras

resultantes do afunilamento das paredes, ou no contacto entre a parede e o chão rochoso. Estas duas galerias foram completamente esvaziadas. Na galeria 7, no entanto, apenas foi escavada a placa estalagmítica superficial.

Na Sala 3, o contexto sepulcral aqui identificado encontra-se em níveis mais profundos do preenchimento, contrariamente ao que se verifica nos restantes sectores da cavidade. Este facto poderá estar relacionado com um tipo de estrutura funerária diferente, como se verá adiante.

A galeria 1 apresenta ainda conservado um corte estratigráfico com cerca de três metros de profundidade sobre o qual se podem tecer algumas observações. Foram aqui diferenciadas 4 camadas com espessuras variáveis. Na transição da 2ª para a 3ª camada, e a cerca de 50 cm abaixo da placa estalagmítica superficial, é visível uma segunda placa. Na recente sondagem efectuada na Sala 1, de que falamos atrás, foram igualmente detectados, sensivelmente à mesma cota, fragmentos de placa estalagmítica, dispostos de forma aparentemente descontínua na transição da camada 2 para a camada 3. Sob o ponto de vista arqueológico, o espólio neolítico exumado na galeria 1 encontra-se associado aos primeiros níveis do preenchimento, até ao nível 80-90 cm. Os depósitos inferiores contêm sobretudo restos de fauna plistocénica e alguma indústria lítica de idade plistocénica. A forte inclinação do chão desta galeria fez com que os primeiros sedimentos transportados para o interior da cavidade se tenham vindo aqui acumular, pela acção da gravidade. Isto mesmo se pode igualmente constatar em relação à galeria 3 e 3 bis, cujo chão inclina bruscamente na vertical. Não é de excluir a hipótese de alguns dos materiais arqueológicos recolhidos nestes sectores da gruta terem sido para aqui arrastados dado o forte desnível existente.

V. O NEOLÍTICO ANTIGO

V.1. O Contexto Cardial

A descoberta de fragmentos de cerâmica com decoração cardial em 1963 tinha sido já anteriormente assinalada por Manuel Farinha dos Santos (Santos, 1971). Segundo este autor, estas cerâmicas encontravam-se associadas a micrólitos, e tinham sido exumados “numa pequena área da camada da Sala 1, que prolongava a necrópole de deposição existente à superfície”. A identificação deste conjunto de cerâmicas não foi contudo acompanhada por uma descrição mais promonorizada do seu contexto. No inventário por nós realizado foi possível isolar os seguintes fragmentos, bem como a sua proveniência espacial e estratigráfica:

QUADRO 2

Distribuição espacial e estratigráfica da cerâmica
cardial no interior da cavidade

	Santos	Planta 1992	Talhão/Secção	Camada/Nível	Ano
Bordo, bojo e asa	Gal. 2	Gal. 8 (?)	Talhão 10	1ª camada	1968
Bordo, bojo e asa	Gal. 5	Gal. 9 (?)	Talhão 5	1ª camada	1968
Bordo	Sala A	Sala 1	—	—	1963
Bordo	Sala A	Sala 1	Secção T	2ª camada (10-15 cm)	1963
Bojo	Sala A	Sala 1	Secção B	1ª camada	1963
Bojo	Sala A	Sala 1	Secção O	1ª camada	1963
Bojo	Sala A	Sala 1	Secção T	2ª camada (10-15 cm)	1963
Bojo	Sala A	Sala 1	Secção T	2ª camada (10-15 cm)	1963
Bordo	Sala A	Sala 1	Secção B	1ª camada	1963

Como se pode verificar pelo quadro respectivo, a cerâmica cardial não se encontrava localizada, como aparentemente se depreende do artigo anteriormente referido, numa área restrita da sala A, mas espalhada por diferentes secções desta mesma sala, algumas das quais bastante afastadas entre si, e nas galerias às quais se atribuíram os números 2 e 5 cuja localização no interior da cavidade não é segura. Segundo informações do guarda da gruta, que acompanhou os trabalhos de escavação desde o início, estas galerias correspondem às galerias 8 e 9 da nossa planta. A sua associação a micrólitos é porém discutível, já que foi possível isolar em diferentes sectores da cavidade este mesmo tipo de artefactos, mas em estreita associação com o restante espólio neolítico não cardial. Isto não significa que a ocupação do Neolítico Antigo, para além das cerâmicas a que já aludimos, não tivesse fornecido micrólitos geométricos, mas sim que eles não são exclusivos desta mesma ocupação.

Apesar de existirem algumas diferenças entre si, todos os fragmentos cardiais exumados na gruta apresentam globalmente as mesmas características, quer ao nível da decoração, quer ao nível das pastas e superfícies (Est. II, Fig.1). A decoração é constituída por linhas de impressões paralelas ao bordo, descontínuas, mais ou menos espaçadas entre si conforme os fragmentos. As pegas, de perfuração vertical, apresentam este mesmo tipo de decoração, acrescida, na sua parte inferior, de um outro conjunto de linhas, desta vez dispostas na vertical. As pastas são grosseiras, estratificadas (negras no interior e vermelho/alaranjado no exterior) e apresentam elementos não plásticos de grão médio e grosso, sobretudo quartzos. As superfícies são rugosas e apresentam-se, na maioria, em muito mau estado de conservação.

Os fragmentos parecem assim pertencer a um mesmo vaso esférico alto de boca circular. As diferenças existentes entre alguns dos cacos, sobretudo no que

diz respeito à coloração, estão relacionadas com as diferentes condições de jazida a que estiveram sujeitos. Com efeito, os fragmentos exumados na sala A apresentam as superfícies mais deterioradas e mais alaranjadas do que os restantes. Por outro lado, apesar de ao nível da decoração se notarem algumas diferenças entre os vários fragmentos, apresentando alguns as linhas de impressões mais espaçadas do que outros, isso deve-se à forma como a própria decoração se encontra estruturada, com uma maior densidade de linhas junto às asas, tornando-se mais espaçadas à medida que se afastam destas.

A presença de cerâmica com decoração cardial é o único elemento indicador da existência de uma ocupação do Neolítico Antigo no interior da gruta. Não é possível, com os dados actualmente disponíveis, avançar com interpretações de carácter tipológico e funcional. A forma como estes materiais se distribuem em profundidade é problemática, com fragmentos exumados quer na camada 1 quer na camada 2, e aparentemente em associação com o restante espólio neolítico. Evidentemente que modificações de natureza pós-deposicional poderão estar na origem da dispersão vertical e horizontal destes artefactos, sendo actualmente muito difícil encontrar outro espólio (lítico? antropológico?) que lhe podesse estar eventualmente associado.

Resta apenas referir que a presença de fragmentos com este tipo de decoração faz desta cavidade o ponto mais interior do País onde foram até ao momento assinaladas este tipo de cerâmicas.

V.2. O Contexto das Cerâmicas Impressas

Foram identificados dois conjuntos distintos de cerâmicas impressas, os quais claramente se diferenciam das restantes cerâmicas exumadas nesta cavidade, caracterizadas quase exclusivamente pela presença de formas lisas. Estes conjuntos correspondem, aparentemente, a dois vasos diferentes. Este tipo de decoração está tradicionalmente associada a contextos do Neolítico Antigo Evoluído, com datas que oscilam entre 5500 e 6000 BP.

Um primeiro conjunto apresenta uma decoração constituída por cordões plásticos que se desenvolvem obliquamente em relação ao bordo, e convergindo junto à pega. Os cordões encontram-se decorados por impressões transversais relativamente profundas. No espólio das antigas colecções do Escoural foram identificados 8 fragmentos com este tipo de decoração, exumados nos seguintes sectores do interior e exterior da cavidade:

QUADRO 3

Distribuição espacial e estratigráfica das cerâmicas impressas

	Santos	Planta 1992	Talhão	Nível	Ano
Bojo	Sala C.1	Sala 2	T. 13	60-70 cm	1966
Bojo	S.C. II	Exterior	T. 1/65	120-13 cm	1965
Bojo	S.C. II	Exterior	T. 1/65	120-130 cm	1965
Bojo	S.C. II	Exterior	T.1/65	230-240 cm	1965
Bordo e pega	Exterior	Exterior	—	—	1965
Bojo	g. 1/65	Exterior	—	80-90 cm	1965
Bojo e bojo	Gal. 1	Gal. 1	T. 11	—	1966
Bojo	Gal. 1	Gal. 1	T. 9	0-10 cm	196

Como se pode verificar, a maioria provem do exterior da cavidade ou das galerias situadas junto à entrada SE da gruta. Com efeito, apenas dois fragmentos apresentam indicações de proveniência referidas ao interior (galeria 1), justamente no extremo oposto da gruta, o que nos coloca sérias dúvidas quanto à exactidão das indicações contidas nas etiquetas que acompanhavam estas mesmas peças. A reforçar esta desconfiança está o facto de um dos fragmentos, o bordo da Gal.1, T. 11, colar com um outro fragmento por nós exumado em 1990, quando se procedia a trabalhos de escavação no exterior da cavidade (sondagem 4), aproveitando precisamente um dos cortes aqui deixados pelos antigos trabalhos de Farinha dos Santos. Juntamente com este fragmento de 1990 encontravam-se outros seis, com as mesmas características, o que torna evidente que este recipiente terá sido abandonado no exterior da cavidade e não no interior. Como já referimos anteriormente, esta zona do exterior apresenta preenchimentos resultantes da acumulação de materiais escorridos do povoado calcolítico que se situa no topo do outeiro onde se abre a cavidade; estes materiais depositaram-se sob vestígios de ocupações pré-existentes (do Paleolítico Médio e do Neolítico Antigo Evoluído), penetrando por vezes entre as fissuras de grandes blocos de abatimento, provocando misturas acentuadas nos depósitos. As galerias situadas junto a esta entrada, apresentam nos primeiros níveis do depósito materiais igualmente provenientes do exterior, que aqui se acumularam pela acção da gravidade, entre os quais se conta o fragmento impresso retirado da Sala C.I. Se tivermos em conta as indicações de proveniência estratigráfica expressas nas etiquetas que acompanhavam as peças exumadas em 1965 e 1966, verifica-se que todas elas se encontravam nos níveis inferiores do preenchimento. Sabemos que Farinha dos Santos escavou os restos de um contexto sepulcral neste sector do exterior da cavidade, que se encontrava “por baixo” de um “nível de habitação do Neolítico recente”. As cerâmicas impressas que aqui identificámos, provenientes quer dos antigos quer dos recentes trabalhos de escavação, foram

exumadas nas camadas que se encontravam por baixo destes níveis de ocupação, sendo por isso cronologicamente anteriores.

Aparentemente, todos estes fragmentos pertencem a um mesmo recipiente esférico de boca fechada, de grandes dimensões, de pasta e superfícies muito grosseiras, onde abundam os elementos não plásticos de grão grosso (Est. II, Fig. 2).

Um segundo conjunto de cerâmicas com decoração impressa é constituído apenas por dois fragmentos de uma mesma asa, provenientes do T. 1/65, S.C.II, 120-220 cm, ou seja, do exterior da cavidade, igualmente junto à entrada virada a SE. Neste mesmo local foi por nós exumado, em 1990, um fragmento com as mesmas características, pertencente muito provavelmente ao mesmo recipiente. Trata-se de um vaso esférico de pasta sub-compacta, de superfícies mais bem cuidadas, com duas asas de perfuração horizontal. A decoração é constituída por pequenas impressões oblíquas mas profundas, que se organizam em torno da asa (Est. II, Fig. 3).

VI. A NECRÓPOLE DO NEOLÍTICO FINAL

VI. 1. Rituais Funerários

O interior da Gruta do Escoural apresenta-se como uma grande necrópole do Neolítico recente, caracterizada por uma grande homogeneidade na cultura material. Durante os trabalhos arqueológicos que aqui tiveram lugar foram identificados diferentes tipos de depósitos funerários: «deposição dos esqueletos à superfície», «inumação de crânios num nicho entaipado», «inumação em fossa», e «acumulação desordenada de ossos e vasos em montículos» (Santos 1971 e 1985).

A avaliação destas informações apenas pode ser feita com base nas indicações de proveniência dos artefactos e na análise das plantas e levantamentos realizados em 1963, os quais fornecem um retrato parcial do que seria a superfície da gruta no momento da sua descoberta. Com efeito, não há, por um lado, quaisquer registos das associações entre ossos e artefactos; e, por outro lado, as próprias ossadas exumadas em diferentes sectores da Sala 1 e das galerias adjacentes conservadas nas reservas do M.N.A., encontram-se totalmente misturadas, com excepção dos crânios e dos ossos longos completos, que estão marcados com as respectivas indicações de proveniência. O restante espólio antropológico encontra-se amontoado em sacos, no interior dos quais se conservam as respectivas etiquetas originais. Deste modo, embora seja possível afirmar que o conjunto de ossos de cada saco é proveniente das unidades de escavação

referenciadas nas etiquetas, é impossível realizar a atribuição de cada osso a uma das etiquetas, e portanto impossível a determinação de proveniências individuais precisas, tornando inviável a análise da organização espacial dos restos humanos. De qualquer modo, deve referir-se que a esmagadora maioria das etiquetas originais se refere a proveniências situadas no interior da Sala 1.

A análise das plantas de 1963 e das placas estalagmíticas removidas da gruta permite confirmar a existência de deposições primárias: os cadáveres eram transportados para o interior da cavidade e depositados sobre o chão, acompanhados das respectivas oferendas funerárias. Como exemplo deste tipo de situação, refira-se uma grande placa estalagmítica recolhida na sala 1 (em exibição na Galeria de Exposição Permanente do M.N.A.), a qual contem os restos de dois indivíduos em posição fetal, virados um para o outro, no meio dos quais, à altura das cabeças, foram depositados dois vasos cerâmicos. É ainda reconhecível um maxilar humano e dois outros pequenos vasos, sendo impossível detectar a presença de outro espólio dada a espessa camada de calcite que envolve estes restos.

Em relação à presença de um nicho entaipado com crânios sem espólio arqueológico associado, não existe qualquer outra documentação que forneça dados adicionais. No entanto, segundo informações do guarda da gruta, o referido nicho encontrava-se localizado na sala 1, e o número de crânios aí depositados era de 5 ou 6.

Quanto à «inumação de esqueletos em fossa acompanhados de espólio votivo idêntico ao que acompanhava as deposições de esqueletos à superfície», ela não está documentada, no interior da gruta, em nenhuma das plantas existentes no M.N.A. A análise da distribuição em profundidade do espólio da sala 3 indica porém que estruturas desse tipo poderão efectivamente ter aí existido. Com efeito, é esta a única zona da gruta em que a grande maioria do espólio provem de níveis profundos (entre 30 e 60 cm) e não da superfície. A análise destes restos, que se encontravam essencialmente concentrados no talhão 6, parece apontar para a presença de dois indivíduos, associados a ocre e a artefactos votivos similares aos encontrados nas deposições da sala A1 e galerias adjacentes.

Em relação à «acumulação desordenada de ossos e vasos em montículos», existe um conjunto de plantas referentes às galerias 6, 7 e 11 que retratam contextos funerários parcial ou totalmente destruídos. Se em algumas das situações, como é o caso do grupo 18 da galeria 7 (Est. III, Fig.1) e do grupo 15 da galeria 11 (Est. IV, Fig.1), é ainda possível avançar para a hipótese de se estar em presença de vestígios da deposição de um indivíduo, nos restantes casos é praticamente impossível avançar com interpretações mais precisas dado o estado de perturbação dos restos. No entanto, não é de excluir a hipótese de

poder ter havido práticas de remoção ou arrumação intencional de ossadas: nalguns casos, como no grupo 14 da galeria 11 (Est. V, Fig.1), é com efeito observável uma grande concentração de ossos de uma determinada categoria anatómica (fêmures e tíbias), praticamente sem espólio funerário associado.

A presença de um conjunto de crânios depositados num nicho entaipado, continua a ser, por enquanto, e dadas as limitações de informação existentes, a única informação que indicia a realização no interior da cavidade de outras práticas funerárias ou rituais que não as da deposição superficial ou inumação em fossa dos cadáveres.

VI. 2. Estudo Tipológico

1. A Cerâmica

Apesar de ter chegado até nós um número considerável de recipientes inteiros, existe uma massa enorme de fragmentos de cerâmica recolhidos na cavidade. As condições de jazida, nomeadamente a deposição do manto estalagmítico, provocaram um desgaste bastante acentuado das superfícies. Muitos dos recipientes foram retirados de espessas placas de calcite, removidas quer durante as escavações quer posteriormente, em laboratório, encontrando-se assim um número significativo de peças mutiladas, com fracturas muito recentes, dificultando deste modo os processos de colagem entre fragmentos. É extremamente difícil proceder actualmente a uma estimativa do número de vasos cerâmicos depositados nesta gruta pelas razões que atrás referimos, e pelo facto de se encontrarem ainda alguns exemplares agarrados aos cortes e em sectores da cavidade que ainda não foram escavados.

Características Gerais

Se considerarmos nesta análise exclusivamente os recipientes inteiros, nota-se que a maioria apresenta as faces interior e exterior tratadas. Este tratamento parece ter fundamentamente consistido na regularização das superfícies, por alisamento, verificando-se, mesmo assim, que os elementos não plásticos utilizados na confecção das pastas são visíveis a olho nú. Um número considerável de fragmentos perdeu as películas superficiais devido quer às condições de jazida, quer à qualidade das próprias pastas. Apenas um grupo muito reduzido de cerâmicas, brilhantes e muito macias, se apresentam aparentemente polidas. Existe igualmente um conjunto, de que fazem parte alguns recipientes inteiros,

que sofreu um tratamento constituído pela aplicação de um engobe ou, mais frequentemente, uma aguada de cor vermelha, geralmente em ambas as faces. Estes exemplares podem ser incluídos dentro das cerâmicas almagradas. Foram inventariados três recipientes esféricos, dois de boca elíptica, dois pequenos esféricos, um hemisférico baixo, e cerca de uma dezena de fragmentos com este tipo de tratamento.

A cor dominante é o castanho-acinzentado, a que se associam frequentemente manchas vermelhas, seguindo-se o castanho alaranjado e por último, em percentagens muito reduzidas, o vermelho. Ao nível das pastas, e em termos muito gerais, não existe no grande conjunto de cerâmicas exumadas nesta gruta uma grande variabilidade de fabricos. A maioria é caracterizada por uma pasta de textura sub-compacta, dominada por elementos não plásticos de grão médio e grosso, maioritariamente quartzos e feldspatos de matriz angulosa. Os recipientes de maiores dimensões apresentam geralmente pastas mais friáveis, por vezes bastante grosseiras. A cozedura homogénea é dominante, existindo apenas um pequeno grupo com pastas estratificadas.

Da análise feita a 161 fragmentos de bordos, número que consideramos bastante reduzido mesmo tendo em conta o facto de não terem sido contabilizados os recipientes inteiros, verifica-se que existe uma grande homogeneidade de tipos. Com efeito, a maioria das peças apresenta o bordo direito (92,5%) e o lábio arredondado (56,5%). Apesar das reduzidas dimensões de muitos destes fragmentos, dos quais é praticamente impossível retirar qualquer tipo de conclusão, verifica-se que as formas fechadas estão em maioria. Outro aspecto interessante a reter é que muitos dos bordos considerados como pertencentes a formas abertas, apresentarem o lábio aplanado. Esta mesma característica foi observada nos recipientes hemisféricos inteiros.

Formas

Foram considerados nesta análise quer os recipientes inteiros, quer fragmentos de outros, constituídos por um ou mais do que um caco, dos quais foi possível retirar elementos conclusivos sobre as respectivas morfologias. Este estudo permitiu reconhecer 5 grandes categorias tipológicas: esféricos, pequenos esféricos, hemisféricos, elípticos e carenados.

Dentro das formas esféricas, contam-se os recipientes de maiores dimensões, a maior parte constituídos por grandes fragmentos, dos quais apenas uma ínfima parte foi possível reconstruir. Tal como foi dito anteriormente, contam-se dentro deste grupo os recipientes que apresentam geralmente pastas muito grosseiras, de textura sub-compacta a friável, cheias de desengordurantes de

grosso calibre e com superfícies bastante danificadas. A maioria foi recolhida na grande sala da entrada, à superfície, e encontravam-se embalados na espessa crosta de calcite. Foram contabilizados 19 recipientes diferentes, dos quais apenas três se encontram inteiros (dois completamente envoltos em calcite), sendo os restantes constituídos por fragmentos que colam entre si. Os diâmetros externos destes vasos oscilam entre 19 e 23 cm. Alguns apresentam-se bastante fechados, tal como se deprende da inclinação das paredes de alguns dos bordos aqui considerados. Contam-se dentro deste caso dois fragmentos de bordo de um grande esférico de boca muito fechada, de pasta compacta e superfícies muito bem tratadas, provavelmente polidas, decorado por três caneluras paralelas ao bordo e apresentando um mamilo alongado com perfuração horizontal. Este recipiente, em forma de saco, pode ser considerado como excepção dentro do conjunto das formas esféricas. Infelizmente, a natureza da amostragem aqui presente não permite tecer considerações mais desenvolvidas, nomeadamente no que diz respeito a dimensões e índices de correlação, dado o facto destes recipientes se apresentarem muito fragmentados e por vezes com formas muito irregulares.

Os pequenos esféricos, num total de 8 recipientes diferentes, dos quais 4 se encontram inteiros, apresentam diâmetros externos que oscilam entre 10 e 12 cm, e alturas entre 8 e 10,5 cm. Estes recipientes distribuem-se quer pela sala 1 quer pelas galerias adjacentes. A maioria apresenta uma pasta de textura sub-compacta e superfícies alisadas de cor castanho escuro-acinzentado com manchas vermelhas e negras. Dois dos recipientes apresentam, um na superfície interior e outro na superfície exterior, vestígios de revestimento almagrado. Apesar de terem sido ainda inventariados bastantes fragmentos pertencentes a recipientes destas dimensões em vários sectores da cavidade, não é no entanto possível proceder a uma estimativa do seu número real.

As formas hemisféricas, algumas das quais poderão ser praticamente consideradas taças, também se encontram bem representadas no interior da cavidade. Infelizmente, muitos destes recipientes apresentam-se fracturados pelo facto de terem sido removidos da placa estalagmítica que os envolvia. Com efeito, dos 16 recipientes inventariados, apenas 4 se encontram inteiros. Em termos de distribuição espacial, estes recipientes foram recolhidos em diferentes grupos das galerias 6, 7 e 11, e na sala 1, a maioria dos quais à superfície.

Os pequenos vasos de boca oval aqui presentes são semelhantes aos encontrados nos inúmeros sepulcros megalíticos da região, e encontram igualmente paralelos na necrópoles de gruta da Estremadura Portuguesa. Estes recipientes encontram-se bastante bem representados, num total de 15 peças diferentes, encontrando-se ainda pelo menos um exemplar inteiro na cavidade, agarrado a um dos cortes da sala 1, junto à parede oeste, e em posição invertida. São

formas abertas, em geral de pequenas dimensões, com o diâmetro maior oscilando entre os 9 e 16 cm. São precisamente as formas elípticas que aparecem em melhor estado de conservação, tendo chegado até nós 14 exemplares praticamente inteiros. Está aqui incluída uma peça bastante sugestiva, quer pelas suas reduzidas dimensões, quer pela sua própria morfologia. Trata-se de um pequeno “barquiforme”, com apenas 3,3 cm de altura, de superfícies muito rugosas de côr alaranjada.

Os recipientes carenados, unicamente constituídos por fragmentos de bordos, apresentam formas abertas hemisféricas, com carenas altas (taças de carena alta), por vezes pouco pronunciadas. Os fragmentos com estas características, num total de 5 recipientes diferentes, foram exumados na sala A, na galeria 1 de 1966 e nas galerias 2 e 10 de 1968, em perfeita associação com o restante material arqueológico. Um dos fragmentos exumados na sala A encontrava-se no grupo 5, à superfície, embalado pelo manto estalagmítico.

Um artefacto com características diferentes, também confeccionado em cerâmica, foi recolhido na cavidade, na sala A, talhão 5, nível 0-10 cm. Trata-se de uma colher, de perfil muito plano e com pega sub-cilíndrica com cerca de 3 cm de comprimento. Apresenta-se parcialmente mutilada e com vestígios de calcite agarrados às superfícies.

2. Indústria Óssea

A indústria óssea existente nesta jazida é quase exclusivamente constituída por peças que apresentam a morfologia da extremidade distal pontiaguda. Apesar de não ser possível determinar com segurança a funcionalidade deste tipo de artefactos, foi adoptada a sua inclusão na categoria dos furadores, tal como é usual na generalidade da bibliografia arqueológica.

Como foi referido anteriormente, em termos de análise espacial, os artefactos aqui considerados obedecem a um padrão de distribuição similar aos restantes materiais arqueológicos recolhidos na cavidade. Num total de 18 peças, a sala 1 e a galeria 1 aparecem em termos de representação numérica em primeiro lugar, com 4 exemplares inventariados em cada uma, seguindo-se a sala 3 e a galeria 7, ambas com dois exemplares. Os restantes furadores aqui recolhidos ou não apresentam indicações de proveniência (contam-se neste caso três peças), ou então desconhece-se a localização exacta das galerias onde foram exumados. Em termos de distribuição vertical, aparecem normalmente associados à 1ª camada ou imediatamente abaixo dela, salvo as duas peças exumadas na sala 3, que aparecem nos níveis 100-110 cm e 140-150 cm respectivamente, e uma das peças da galeria 1, que aparece no nível 70-80 cm.

A maioria dos furadores aqui presentes foi obtida a partir de metápodes de ovicaprídeos, fendidos longitudinalmente de modo a eliminar uma parte significativa da face oposta, normalmente a anterior, do osso. São peças geralmente simétricas que apresentam uma grande homogeneidade tipológica e técnica, com paralelos em inúmeros contextos sepulcrais, nomeadamente nas necrópoles de gruta da Estremadura portuguesa. Do conjunto de furadores exumados na Gruta do Escoural, destaca-se o exemplar escavado na Galeria 1, Talhão 10, obtido a partir de metápode de “*Cervus elaphus*” fendido longitudinalmente no sentido antero-posterior, aproveitando precisamente as ranhuras laterais do osso. Trata-se de uma peça muito alongada, aparentemente gravada com incisões, com cerca de 21 cm de comprimento e com o canal medular apagado pelo polimento a que foi sujeita.

Um segundo conjunto de artefactos, igualmente produzidos em osso, será analisado no capítulo respeitante aos objectos de adorno.

3. Indústria de Pedra Polida

A indústria de pedra polida aqui presente foi agrupada em 4 grupos tipológicos distintos: machados, enxós, goivas e diversos. Em termos de distribuição espacial, estes artefactos encontram-se igualmente concentrados na sala A e em torno desta, precisamente na área correspondente ao núcleo central da necrópole. Em termos de distribuição vertical, também é possível verificar que estes objectos foram recolhidos nos níveis superiores do preenchimento sedimentar, correspondentes à 1ª camada, existindo apenas uma peça associada à 2ª camada. É de salientar que muitos destes artefactos foram retirados da espessa camada de calcite que cobria a superfície da gruta, apresentando, deste modo, vestígios de concreções calcíticas agarradas às superfícies.

Os resultados da análise da indústria de pedra polida encontram-se sintetizados no quadro 4.

Os machados, num total de 6 peças, apresentam normalmente a secção espessa, oval, e perfil bi-convexo. Os gumes são geralmente pouco pronunciados e só excepcionalmente apresentam sinais de utilização. O polimento afecta geralmente a zona correspondente ao gume, sendo a restante superfície apenas picotada. Um dos exemplares, fracturado nas duas extremidades, apresenta numa das faces um sulco transversal em relação ao eixo da peça. Este sulco, bastante pronunciado, está relacionado com o tipo de encabamento utilizado.

QUADRO 4

Tipologia da Indústria de Pedra Polida

Tipo	Morfologia	Perfil	Secção	Gume	Dimensões
Machado	rapezoidal	bi-convexo	oval	convexo	9.6 x 5.3 x 3.6
Machado	triangular	aplanado	oval	fracturado	? x 3.1 x 1.4
Machado	rectAngular	bi-convexo	oval	convexo	8.8 x 4.2 x 3.7
Machado	trapezoidal	bi-convexo	rectangular	convexo	11.1 x 4.5 x 4.5
Machado	trapezoidal	bi-convexo	oval	direito	11.9 x 4.9 x 3.8
Machado	trapezoidal	aplanado	oval	fracturado	? x ? x 1.7
Enxó	rectangular	aplanado	oval	convexo	7 x 3.8 x 1.4
Enxó	trapezoidal	aplanado	oval	convexo	9.7 x 5 x 1.8
Enxó	trapezoidal	aplanado	oval	convexo	9.5 x 5.6 x 1.6
Enxó	trapezoidal	convexo	oval	convexo	9.2 x 4.1 x 2
Enxó	trapezoidal	aplanado	rectangular	direito	7.5 x 4.1 x 1.4
Enxó	trapezoidal	aplanado	rectangular	convexo	7.7 x 4 x 1.2
Enxó	trapezoidal	plano-convexo	rectangular	convexo	10.2 x 3.4 x 1.9
Enxó	trapezoidal	aplanado	oval	convexo	9.5 x 4.2 x 1.5
Enxó	trapezoidal	plano-convexo	oval	convexo	16.2 x 5.7 x 2.1
Enxó	triangular	aplanado	rectangular	convexo	10.2 x 5 x 1.5
Goiva	rectangular	—	triangular	direito	12.4 x 2.5 x 2.5
Goiva	rectangular	plano	oval		? x ? 2.2
Goiva	rectangular	plano	oval	direito	9.5 x 3.1 x 2.2

As enxós, com 10 exemplares inventariados, apresentam, contrariamente ao que se verifica com os machados, um perfil aplanado e secções rectangulares e ovais. O polimento é normalmente extensível a toda a superfície, com gumes não utilizados, o que acentua mais o seu carácter marcadamente votivo.

Em ambos os casos, machados e enxós, a morfologia trapezoidal é dominante.

As três goivas recolhidas nesta cavidade apresentam morfologia rectangular e perfis planos.

Dentro da categoria dos diversos, foi incluído um pequeno conjunto de objectos com características específicas:

- Três polidores/alisadores, de morfologia rectangular, perfis planos e flancos laterais bem polidos;

- Uma afiadeira/amoladeira de silhueta bastante irregular, com ambas as superfícies côncavas e polidas. Uma das faces apresenta vestígios de ocre vermelho. Foi topografada e desenhada na altura da sua descoberta, em 1963.

A análise petrográfica realizada sobre alguns dos machados e enxós recolhidos na cavidade parece apontar para uma origem não local das respectivas matérias-primas. O seu estudo será dado a conhecer na monografia final do sítio.

Associado ao espólio exumado nesta cavidade encontram-se alguns seixos naturais, apresentando geralmente formas alongados que, apesar de não evidenciarem qualquer tipo de utilização ou desbaste de natureza antrópica, poderão, no entanto, estar de alguma forma relacionados com o ritual funerário.

4. Indústria de Pedra Lascada

A indústria lítica de pedra lascada exumada na cavidade não apresenta, em termos gerais, uma grande variabilidade morfológica e técnica. Este facto está estreitamente relacionado com a natureza e funcionalidade deste arqueosítio. Com efeito, foram apenas considerados três grandes categorias tipológicas, que passamos a descrever:

Utensilagem laminar

Aparece bastante bem representada no interior da cavidade. As 34 lâminas aqui presentes (5 das quais se poderiam considerar dentro da categoria da lamenlas dadas as suas reduzidas dimensões) apresentam o mesmo modelo de distribuição espacial e estratigráfico verificado nas indústrias de pedra polida e óssea. Refira-se apenas que, mais uma vez, as peças recolhidas na galeria 1 e na sala 3, se encontram em termos de distribuição vertical, em níveis bastante mais profundos (nível 190-200 cm, no caso da peça recolhida na galeria 1 e 120-130 cm no caso de uma das peças exumadas na sala 3). O facto de 14 das peças aqui consideradas não apresentarem qualquer tipo de indicação de proveniência espacial e estratigráfica limita consideravelmente a análise. Em termos tipológicos e técnicos, trata-se de uma debitage bastante standardizada, caracterizada pela presença de lâminas com bordos e arestas muito regulares e perfis distais encurvados. A secção trapezoidal é dominante e os talões apresentam-se na maioria facetados. Como matéria-prima, foram utilizados diferentes tipos de sílex, por vezes de grão muito fino, geralmente de muito boa qualidade, cuja proveniência não é seguramente local.

A maioria das peças apresenta-se com a extremidade distal fracturada. Este facto resulta muito provavelmente da aplicação de um gesto intencional, por forma a eliminar a curvatura da peça. As características dos exemplares colectados sugerem um tipo de debitage realizada a partir de núcleos prismáticos relativamente grandes, por percussão indirecta, e em alguns casos mesmo por pressão.

Apesar da maioria dos suportes não apresentar qualquer tipo de modificação dos seus gumes, existe um pequeno conjunto de peças retocadas, quer por utilização - contam-se neste caso quatro lâminas com retoques muito marginais, irregulares e descontínuos no bordo direito - quer mesmo pela aplicação de um gesto intencional:

- fragmento proximal de pequena lamela em sílex, de secção trapezoidal e talão facetado, apresentando no bordo direito um retoque contínuo, marginal direito;

- fragmento distal de lamela em sílex com perfil distal curvo, de secção trapezoidal, bordos ligeiramente convergentes, apresentando um retoque contínuo parcial no bordo direito;

- fragmento proximal de grande lâmina em sílex granuloso, de secção trapezoidal, bordos paralelos e talão facetado, com retoque alterno;

- lâmina em sílex com o perfil distal curvo, de secção trapezoidal, bordos paralelos e talão facetado, apresentando no bordo direito um retoque contínuo, e no bordo esquerdo um retoque alternante;

- fragmento mesial de lâmina de sílex de secção trapezoidal, apresentando no bordo direito um denticulado irregular, e no bordo esquerdo um retoque contínuo obtido inversamente.

Geométricos

Num total de 11 exemplares, estes artefactos apresentam exactamente o mesmo padrão de distribuição vertical e espacial verificado nos restantes conjuntos tipológicos.

Tal como foi anteriormente referido, no capítulo respeitante ao Neolítico Antigo, os geométricos publicados em associação com as cerâmicas cardiais não apresentam, nem em termos tipológicos, nem em termos de distribuição espacial e estratigráfica, quaisquer diferenças em relação aos restantes, sendo, por esta razão, tratados conjuntamente neste capítulo.

Os micrólitos geométricos recolhidos na gruta são na sua totalidade trapézios, e foram obtidos a partir de suportes laminares em sílex. A pequena trunactura é maioritariamente côncava, e a grande trunactura rectilínea. São peças assimétricas, por vezes apresentando as bases irregulares. É visível, num dos exemplares, um entalhe bastante pronunciado na pequena base, provavelmente relacionado com a forma de encabamento.

Quadro 5

Tipologia dos Geométricos

Tipo	Forma	Secção	Pequena Truncatura	Grande Truncatura	Dimensões (cm)
Trapézio	assimétrico	trapezoidal	côncava	rectilínea	2.4 x 1.6 x 0.4
Trapézio	assimétrico	triangular	côncava	rectilínea	2.3 x 0.9 x 0.3
Trapézio	assimétrico	triangular	côncava	rectilínea	2.2 x 1.3 x 0.3
Trapézio	assimétrico	trapezoidal	côncava	rectilínea	2.0 x 1.3 x 0.3
Trapézio	assimétrico	triangular	rectilínea	rectilínea	2.2 x 1.5 x 0.3
Trapézio	assimétrico	trapezoidal	rectilínea	côncava	2.4 x 1.2 x 0.3
Trapézio	assimétrico	trapezoidal	côncava	rectilínea	2.3 x 1.6 x 0.3
Trapézio	assimétrico	trapezoidal	côncava	rectilínea	2.0 x 1.5 x 0.2
Trapézio	assimétrico	triangular	côncava	rectilínea	2.8 x 1.5 x 0.4
Trapézio	assimétrico	trapezoidal	côncava	rectilínea	2.7 x 1.7 x 0.3
Trapézio	—	trapezoidal	—	rectilínea	—

Núcleos

Trata-se de um conjunto constituído apenas por três peças: núcleo prismático para lâminas, em sílex cinzento escuro, com planos de percussão múltiplos - exumado na Galeria 4, Talhão 3, 2ª camada (1968); pequeno núcleo bipolar para lamelas, em cristal de rocha, com um único plano de percussão - exumado na Galeria 3, Talhão 2, 3ª camada (1968); núcleo em cristal de rocha (raspa-deira carenada ?)- exumado na Sala A, Talhão 3, Secção U, 2ª camada (0-5 cm) (1963).

5. Objectos de Adorno

Dentro desta categoria foram incluídos objectos fabricados em osso, rocha e concha. A sua representação no interior da necrópole é fraca, não sendo de excluir a hipótese de este facto poder estar relacionado com uma crivagem deficiente dos sedimentos.

Três contas tubulares, duas cilíndricas e um alfinete de cabelo, foram produzidas a partir de ossos cuja origem anatómica é indeterminável. O alfinete de cabelo, ligeiramente assimétrico e com cabeça de contorno trapezoidal e extremidade oposta apontada, foi recentemente objecto de estudo (Santos, Gomes e Cardoso, 1991). Segundo os seus autores, a tipologia pouco comum deste exemplar, “confere-lhe reconhecível aspecto antropomórfico”, com paralelos próximos nos “ídolos almerienses”, nos sepulcros megalíticos da península de

Lisboa e nas placas de xisto típicas da cultura megalítica do Alentejo.

Um segundo conjunto de objectos de adorno, constituído por 3 contas cilíndricas com perfuração bicónica e 7 contas discóides, foi produzido a partir de rocha, cuja determinação petrográfica se encontra em curso.

Apenas dois objectos de adorno em concha constam do espólio recolhido na cavidade. Trata-se de um fragmento de bracelete em concha *Glycymeris* e de um pequeno botão circular recortado, obtido a partir de uma concha de *Cerastoderma edule*.

Em termos de distribuição espacial e estratigráfica, a maioria destes objectos provem da Sala 1 e foram recolhidos à superfície ou na primeira camada.

6. Outros Artefactos

Para além do espólio que temos vindo a analisar neste capítulo, existem outras recolhas efectuadas na gruta. Destas recolhas fazem parte diversas conchas (muito fragmentadas), essencialmente representadas pelas espécies *Pecten*, *Mitylus* e *Ostrea*, que se encontravam em estreita associação com o restante espólio arqueológico e antropológico. Duas placas de grés, uma em exposição na galeria de exposição permanente do MNA e a outra no Museu dos Amigos de Montemor-o-Novo, foram publicadas por Farinha dos Santos como as únicas peças “caracteristicamente votivas” exumadas na cavidade (Santos, 1971). Infelizmente, não é possível saber a sua proveniência exacta no interior da gruta, nem o contexto exacto a que se encontravam associadas. Uma das placas, a de maiores dimensões, apresenta como indicação de proveniência um complexo e um número individual de marcação que não têm correspondência com a respectiva ficha descritiva; a segunda placa, apresenta um código de marcação correspondente ao complexo das peças com “proveniência desconhecida” (Inventário realizado pela própria equipa de Farinha dos Santos)

As duas placas apresentam forma elíptica, a maior com perfuração aberta numa das extremidades do eixo maior, e a mais pequena numa das extremidades do eixo menor. Ambas apresentam um rebordo saliente, em toda a periferia da peça no caso da placa maior, e parcial, com rebordo limitado à parte superior que contém a perfuração, no caso da placa mais pequena.

Um fragmento de uma peça, de que apenas se conserva o talão, poderá corresponder à base de um objecto votivo em calcário polido. Apresenta secção oval e foi exumada em 1966 no Talhão 5 da Sala A, no nível 40-50 cm.

Uma outra peça considerada dentro da categoria dos objectos marcadamente votivos, foi igualmente objecto de estudo particular (Santos, Gomes e Cardoso, 1991). Trata-se de uma falange de *Equus caballus* “totalmente mode-

lada por abrasão com polimento muito fino”, com paralelos nos “ídolos falange” das necrópoles calcolíticas da Estremadura portuguesa - raramente em povoados - e nos contextos megalíticos do Alentejo e Algarve, segundo descrição dos autores da publicação já referida anteriormente. Não apresenta qualquer tipo de decoração, apesar da sua silhueta sugerir uma “forma antropomórfica”. Esta peça foi exumada em 1966, na Galeria 1, Talhão 11, no nível 120-130 cm. A natureza, condições de jazida e integração cronológico-cultural deste objecto serão discutidas nas conclusões.

Foi igualmente recolhido um número significativo de fragmentos de ocre de cor vermelha, carvões e sedimentos carbonizados, provenientes sobretudo da sala 1.

C. Cronologia Absoluta e Paralelos

Seis datas de Carbono 14, processadas por três laboratórios diferentes (Lovaina, Lisboa e Oxford), foram obtidas a partir de amostras de ossos humanos provenientes dos antigos trabalhos de escavação e de recolhas por nós efectuadas no interior da cavidade. Os resultados obtidos encontram-se sintetizados no seguinte quadro:

QUADRO 6

Datações Absolutas

Laboratório	Proveniência	Anos BP	cal BC 1 σ	cal BC 2 σ
Lv - 1922	G. 4.3	4500 \pm 60	3345 - 3045	3370 - 2929
Lv - 1923	G. 4.4	4610 \pm 60	3496 - 3340	3600 - 3105
Lv - 1924	G. 12.3	4460 \pm 70	3335 - 2937	3360 - 2920
Lv - 1925	G. 12.4	4420 \pm 60	3297 - 2926	3340 - 2910
ICEN - 861	Sala 1	4680 \pm 80	3627 - 3356	3644 - 3103
OxA - 4444	G.3/g.18	5560 \pm 160	4595 - 4228	4769 - 4005

As duas primeiras amostras foram por nós recolhidas em 1989 na galeria 4, em pequenos nichos à superfície, e encontravam-se cobertas por calcite. A primeira (G.4.3) corresponde a um fragmento de osso ilíaco direito de adulto que se encontrava associado a um conjunto homogéneo de que faziam parte bastantes fragmentos ósseos, cerâmica, e uma concha de *Pecten*; a segunda (G.4.4), uma diáfise de tibia esquerda, pertencente a um indivíduo aparente-

mente jovem, também se encontrava associada a outros fragmentos ósseos humanos. As duas amostras seguintes, também por nós recolhidas em 1989, provêm ambas da galeria 12, que nunca foi escavada. A primeira (G.12.3), corresponde a um fragmento proximal de diáfise de um fémur direito, que se encontrava completamente coberto por concreções calcíticas; a segunda (G.12.4), corresponde a um fémur direito desprovido da epífise distal. Estas duas últimas amostras encontravam-se inseridas em conjuntos compreendendo diversos fragmentos ósseos humanos sem espólio associado. A amostra ICEN-861 foi recolhida em 1964 na sala 1, talhão I, e corresponde a um fragmento proximal de fémur humano direito. A última amostra (OxA - 4444), um fragmento de tíbia humana, foi recolhida em 1963 no grupo 18 da galeria 3 (galeria 7 da nossa planta), e corresponde a uma provável deposição individual.

Até à obtenção destas datações absolutas a necrópole do Escoural era geralmente considerada como datando do Neolítico Médio, isto é, do período compreendido entre cerca de 5000 e cerca de 5500 BP. Os resultados agora obtidos, indicam, porém, uma cronologia bastante mais tardia, entre 4400 e 4600 BP, isto é, do Neolítico Final. Apenas um, o obtido por acelerador, é compatível com a cronologia tradicionalmente atribuída à necrópole. A aceitação deste último resultado deve porém ser considerada sob reserva, dado que ele foi obtido a partir de uma amostra com baixo teor de colagéneo (o que explica o seu elevado desvio-padrão), e é proveniente de uma zona da gruta para a qual foram obtidas duas das datas (Lv-1924 e Lv-1925) enquadráveis no Neolítico Final. A Galeria 12, onde estas duas últimas amostras foram recolhidas, não é com efeito senão a continuação da Galeria 3 de onde foi extraída a placa estalagmítica que continua o osso humano da amostra OxA - 4444.

A conjugação destes dados cronométricos com as características tipológicas do espólio em que a cronologia tradicional se baseava permitem um certo número de propostas de interpretação da cronologia da necrópole, de entre as quais, com o prosseguimento dos estudos, sairá certamente a que se revelará como mais correcta. A título de exemplo, apresentar-se-ão de seguida algumas dessas hipóteses:

a) A data OxA - 4444 não considerado como válida. A ser assim, e com excepção de um uso esporádico — enterramento individual (?) representado pelo vaso com decoração cardial — durante o Neolítico antigo, a necrópole dataria exclusivamente do Neolítico Final, época que está aliás documentada entre o espólio artefactual por «fósseis directores» como as taças carenadas e um alfinete de cabeça trapezoidal. As cerâmicas esféricas lisas por vezes almagradas deixariam portanto de poder ser consideradas como exclusivas do Neolítico Médio, continuando a sua produção até horizontes cronológicos mais tardios; ou, então, as cerâmicas deste tipo são características do Neolítico final e não do

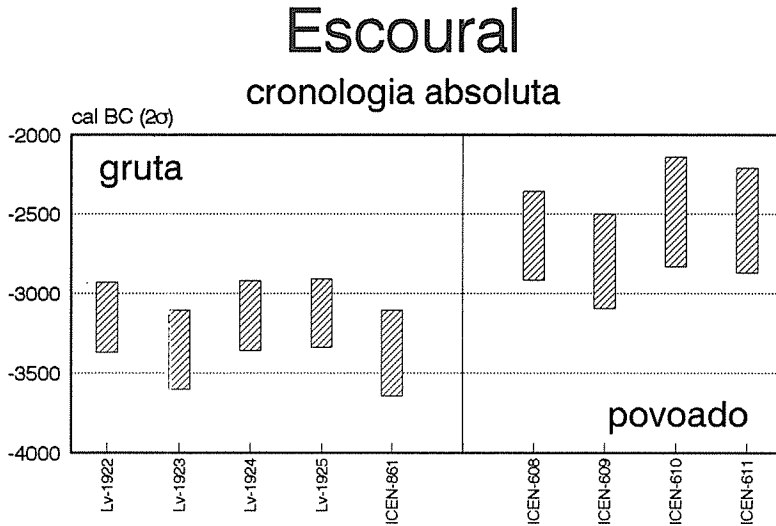
Neolítico médio, como até hoje tem vindo a ser defendido.

b) A data OxA - 4444 é considerada como válida. O uso da gruta como necrópole teria assim uma diacronia longa, começando no Neolítico antigo e acabando no Neolítico final. Dado se tratar, com excepção dos possíveis enterramentos da sala 3, de deposições à superfície, sem sedimentação subsequente, o chão da gruta terá então que ser considerado como correspondendo a um enorme palimpsesto, em que é admissível a coexistência lado a lado de contextos separados por centenas de anos de diferença. A ser assim, coloca-se necessariamente o problema de saber qual terá sido a época em que o uso da gruta foi mais intenso, bem como o problema de saber quais as associações a estabelecer entre datas, espólio osteológico, e espólio arqueológico. Eis algumas das combinações que a este respeito são permitidas pela hipótese de diacronia longa:

— o facto de cinco resultados em seis indicarem o Neolítico final pode ser tomado como indicando que a maior parte dos enterramentos datará deste período; o que não significa necessariamente que seja esse o caso do espólio arqueológico; pode por exemplo admitir-se que a maior parte dos enterramentos do Neolítico final apenas teriam sido acompanhados de oferendas líticas (como acontece por exemplo no Lugar do Canto — Ferreira e Leitão, s/d), pelo que a maior parte da cerâmica dataria do Neolítico médio, embora este período estivesse menos bem representado entre os restos osteológicos; ou, em alternativa, como na hipótese 1, haveria que admitir que as cerâmicas esféricas lisas, por vezes almagradadas, continuam até ao Neolítico final;

— o facto de cinco resultados em seis indicarem o Neolítico final pode ser considerado como um acidente de amostragem, datando antes a maioria dos enterramentos do Neolítico médio, tal como se tem tradicionalmente considerado; a ser assim, ficaria explicada a relativa raridade dos fósseis directores do Neolítico final, e os alicerces da sistemática tradicional manter-se-iam intactos.

De todo este jogo de alternativas há uma que corresponde a um facto que nos parece inquestionável: o da existência, qualquer que seja a sua importância relativa, de uma componente do Neolítico final na necrópole do Escoural. Não parece com efeito razoável pôr em dúvida a validade dos cinco resultados estatisticamente idênticos (gráfico 1), produzidos por dois laboratórios diferentes, e obtidos a partir de amostras de proveniência diversificada. No estado actual da questão, parece-nos mesmo que esta componente deve ser maioritária, se não mesmo exclusiva. De qualquer forma, torna-se claro que é necessário prosseguir o programa de datações para esta necrópole, o qual deverá doravante incidir sobre contextos com características precisas, que permitam testar as hipóteses acima esboçadas e suas variantes: ossos associados a cerâmicas



almagradas; ossos dos enterramentos da sala 3; ossos das deposições superficiais de tantas galerias quantas seja economicamente possível datar. Como é óbvio, a história das colecções e as limitações que ela impõe ao estabelecimento de associações seguras constituem obstáculos que poderão vir a impedir a plena realização de um programa deste tipo.

Crítérios tipológicos foram igualmente invocados, recentemente, em apoio da existência no interior da cavidade de uma ocupação calcolítica (Santos, Gomes e Cardoso 1991). Esta tese baseia-se exclusivamente na análise tipológica de um artefacto proveniente da cavidade e que se encontra actualmente em exposição no Museu dos Amigos de Montemor-o-Novo. Este objecto, um “ídolo falange” segundo os autores, apresenta-se “totalmente modelada por abrasão com polimento muito fino”, com paralelos em diversos contextos calcolíticos. Esta atribuição colocamos, contudo, bastantes reservas. Por um lado, o estudo do espólio recolhido na cavidade mostrou não existirem quaisquer elementos que nos permitam veicular a hipótese da existência de uma ocupação posterior à necrópole do Neolítico final agora estudada; por outro lado, mesmo que se venha a confirmar a natureza intencional e simbólica do referido artefacto, a sua presença não é, por si só, reveladora da existência de um outro contexto de ocupação diferente, seja ele de que natureza for; por último, as indicações de proveniência que acompanham esta peça reforçam ainda mais as nossas dúvidas. Com efeito, o facto de se encontrar associado a um nível já bastante profundo da sequência sedimentar, onde apenas se encontram presentes fragmentos ósseos e alguma indústria lítica de idade seguramente plistocénica - as cerâmicas e restantes materiais da necrópole encontram-se a sensivelmente 30 cm acima deste nível - mostram que o referido objecto se encontra

completamente fora de contexto. Dados os condicionalismos anteriormente referidos, a hipótese da presença de uma ocupação calcolítica no interior da cavidade é inconsistente e carece de fundamento. A identificação de um povoado fortificado desta época no exterior, precisamente no topo do outeiro onde se abre a gruta, poderá ser responsável pela entrada de algum espólio no interior da cavidade. Os poucos artefactos claramente calcolíticos encontrados na zona correspondente à necrópole do interior da gruta (alguns crescentes em cerâmica), encontravam-se à superfície, por cima da calcite, e devem ter sido para ali transportados pela acção da gravidade, por entre as fissuras e chaminés existentes no tecto da gruta.

As relações entre a ocupação funerária do interior da cavidade e os vestígios encontrados no exterior são por enquanto prematuras. A presença de gravuras rupestres estratigraficamente subjacentes ao povoado fortificado calcolítico de que falámos anteriormente (Gomes, 1991, Gomes *et al.*, 1983), permitiu aos autores responsáveis pelos trabalhos arqueológicos aqui efectuados datar o “santuário” rupestre exterior do Neolítico final. Deste modo, pensamos ser plausível, em face dos dados actualmente conhecidos, poder atribuir à população que enterrou os seus mortos no interior da cavidade a autoria das gravuras existentes no exterior.

BIBLIOGRAFIA

- FERREIRA, O. da V., LEITÃO, M. s/d, *Portugal Pré-Histórico, seu Enquadramento no Mediterrâneo*, Publicações Europa-América, p. 132-137.
- GOMES, M. V., 1991, Corniformes e Figuras Associadas de Dois Santuários Rupestres do Sul de Portugal. Cronologia e Interpretação, *Almansor*, nº 9, p. 17-74.
- GOMES, R. V., GOMES, M. V., SANTOS, M. F. dos, 1983, O Santuário Exterior do Escoural. Sector NE (Montemor-o-Novo, Évora), *Zephyrus*, XXXVI, Salamanca, p. 287-307.
- ISIDORO, A. F., 1981, Espólio Ósseo Humano da Gruta Neolítica do Escoural, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, Vol. XXIV, Fasc. 1, Porto, p. 5 - 46
- SANTOS, M. F. dos, 1971, A Cerâmica Cardial da Gruta do Escoural, *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia*, Lisboa, Vol. 1, p. 93-94.
- SANTOS, M. F. dos, 1985, Manifestações Neolíticas no Contexto dos Testemunhos Pré-Históricos do Outeiro da Herdade da Sala (Escoural. Montemor-o-Novo. Portugal), *XVII Congresso Nacional de Arqueologia*, Zaragoza, p. 135-142
- SANTOS, M. F. dos, GOMES, M. V., MONTEIRO, J. P., 1980, Descobertas de Arte Rupestre na Gruta do Escoural, *Altamira Symposium*, Madrid, p. 205-242.
- SANTOS, M. F. dos, GOMES, M. V., CARDOSO, J. L., 1991, Dois Artefactos de osso, Pós-Paleolíticos, da Gruta do Escoural (Montemor-o-Novo, Évora), *Almansor*, nº 9, 1991, p. 75-94.
- SILVA, A. C., OTTE, M., ARAÚJO, A. C., CAUWE, N., LÉOTARD, J. M., LEGEUNE, M., LACROIX, P., COLLIN, F., 1991, A Gruta do Escoural: Novas perspectivas para o seu Estudo e Valorização, *Actas das IV Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, Lisboa, p. 173-181.

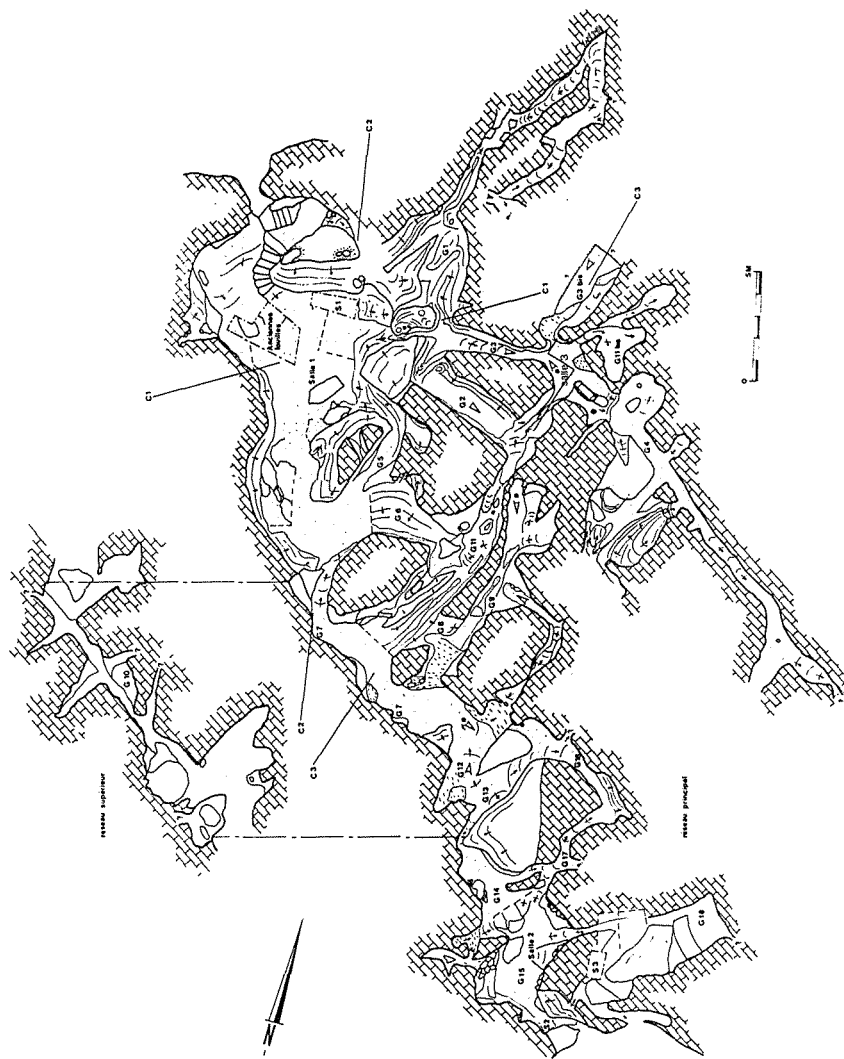


Fig. 1 — Planta da cavidade (rede superior).

Est. II

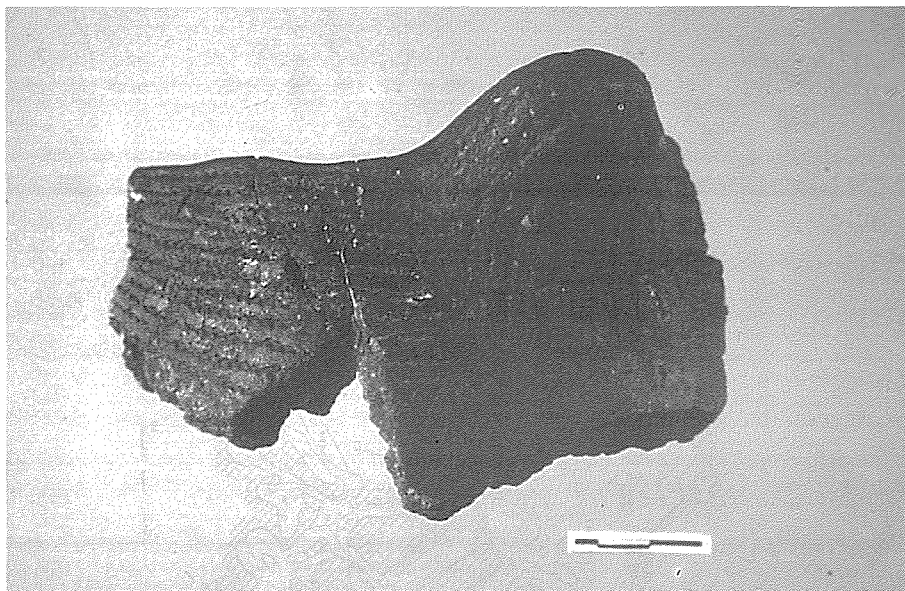


Fig. 1 — Vaso cardinal (fot. de Miguel Flávio).

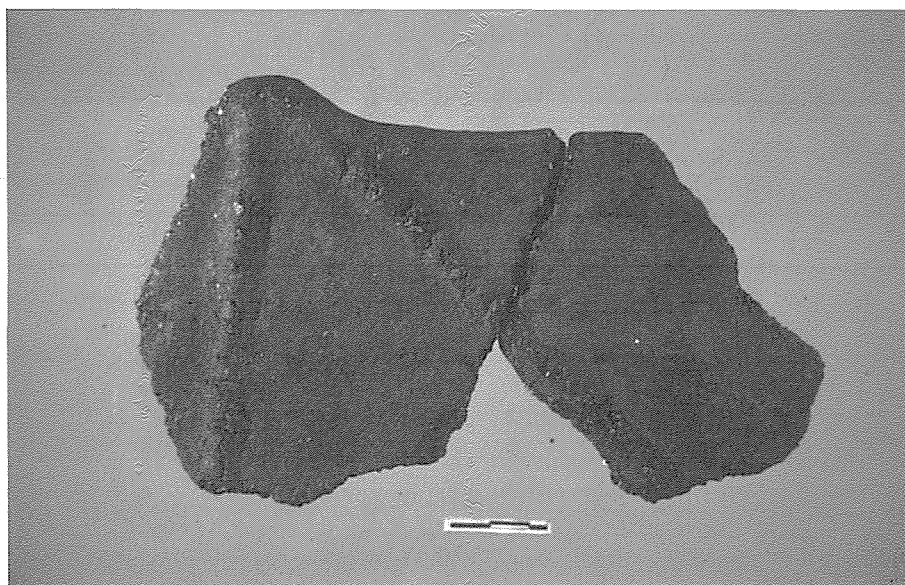


Fig. 2 — Vaso 1 com decoração impressa (fot. de Miguel Flávio).

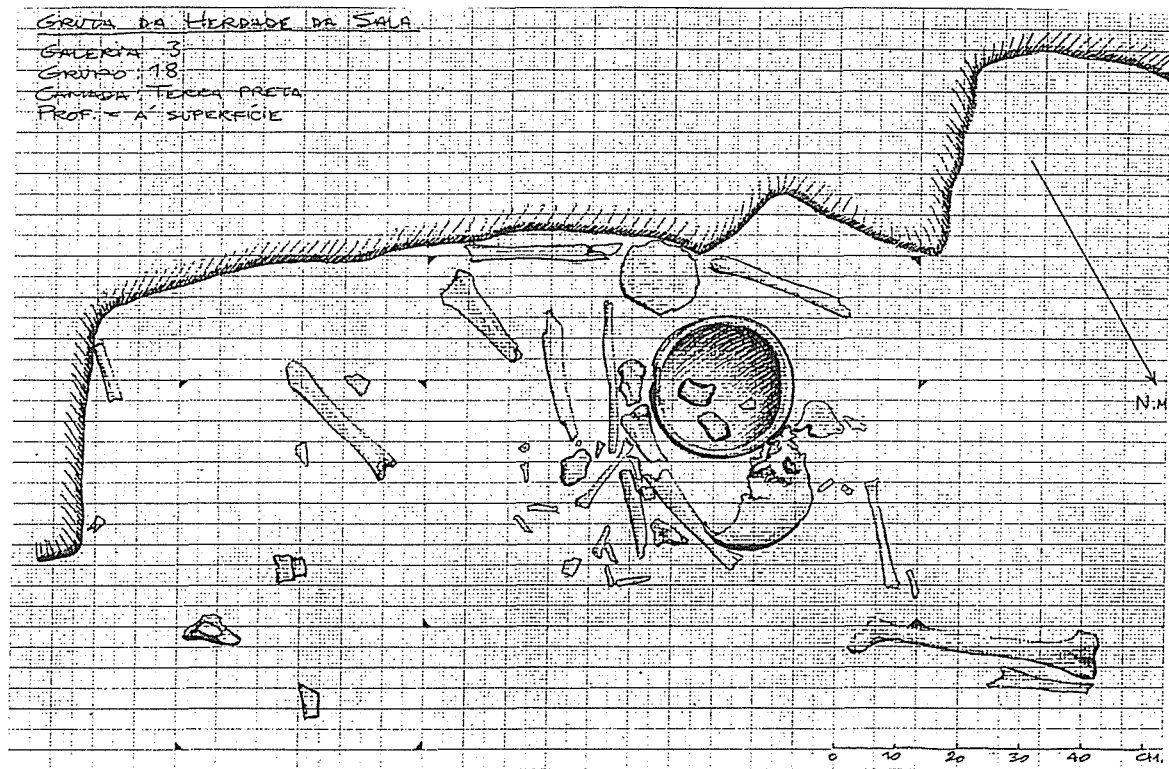


Fig. 1 — Reprodução da planta de superfície do Grupo 18 da Galeria 3 (Galeria 7 da planta de 1992). Contexto funerário correspondente a uma provável deposição individual.

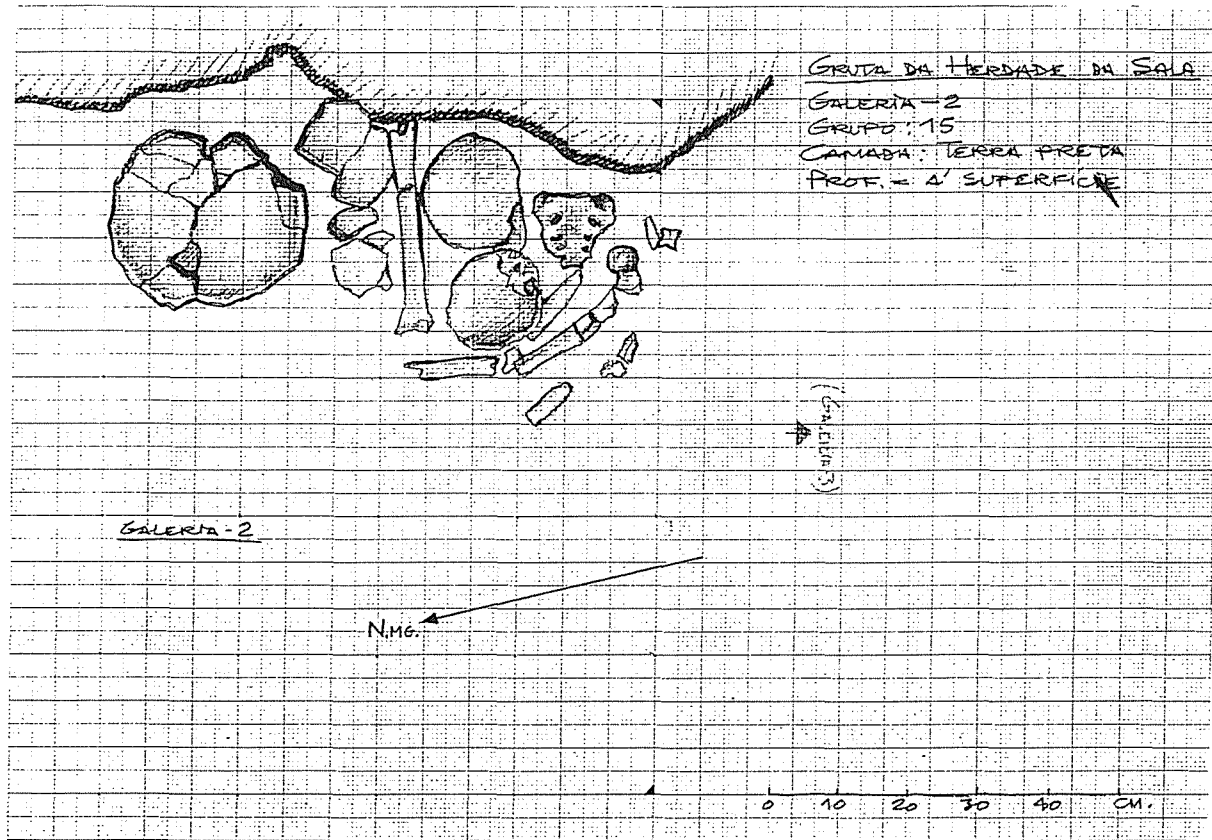


Fig. 1 — Reprodução da planta de superfície do Grupo 15 da Galeria 2 (Galeria 11 da planta de 1992). Contexto funerário correspondente a uma provável deposição individual.

GRUTA DA HERIDADE DA SALA

GALERIA - 2

GRUPO - 14

CAMADA: ASSENTE EM CALCITE

PROF = (A SUPERFICIE)

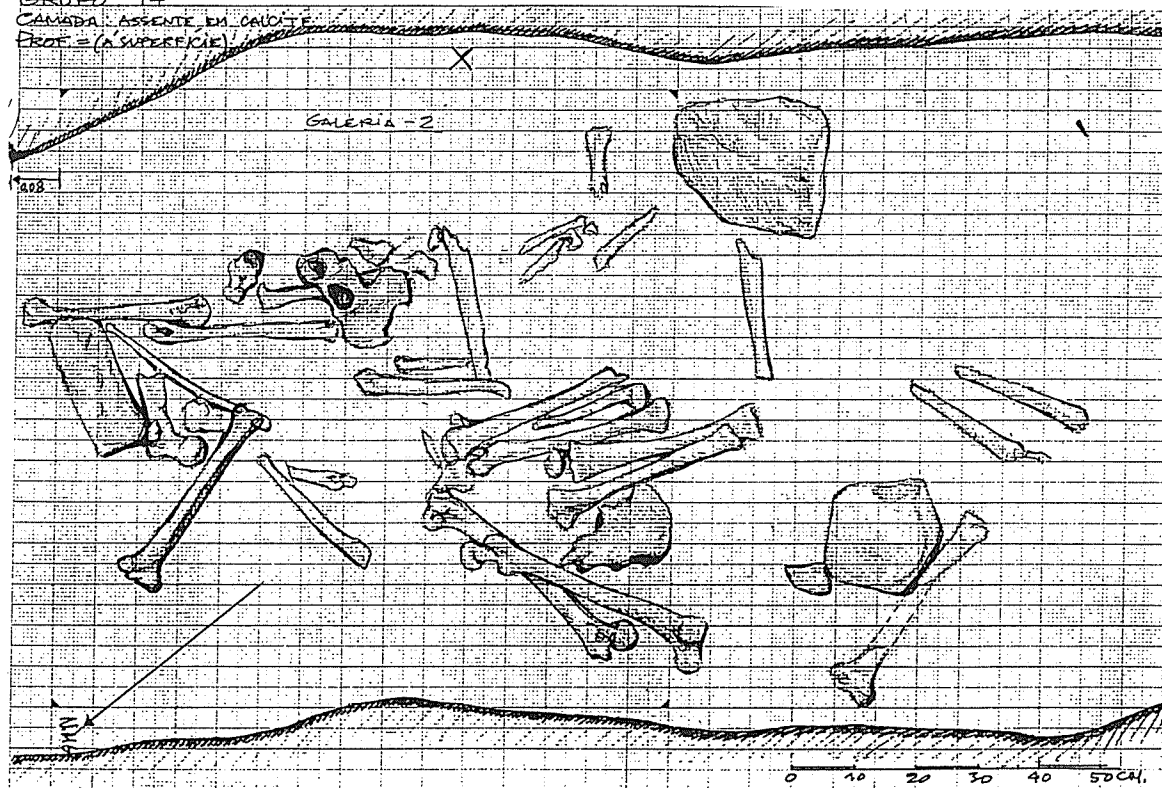
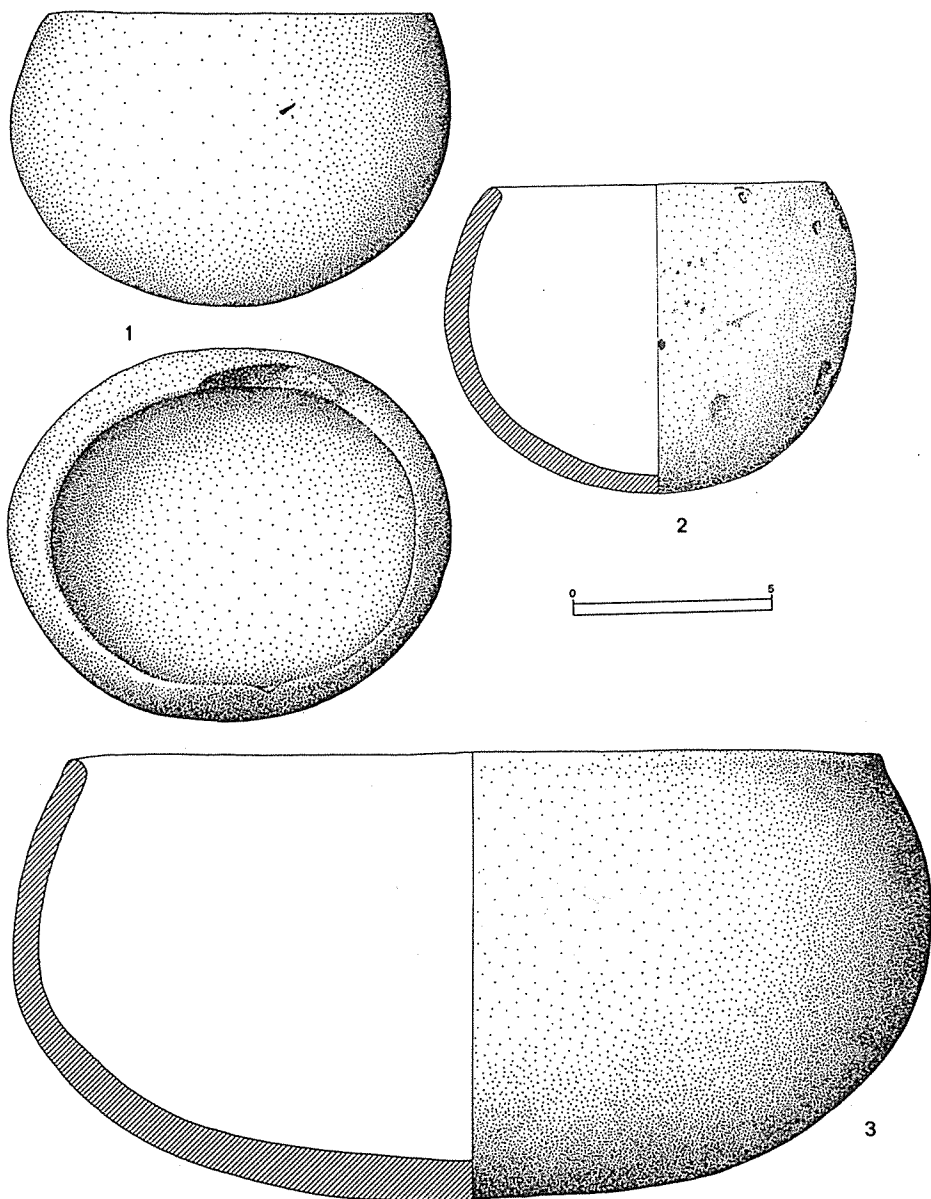
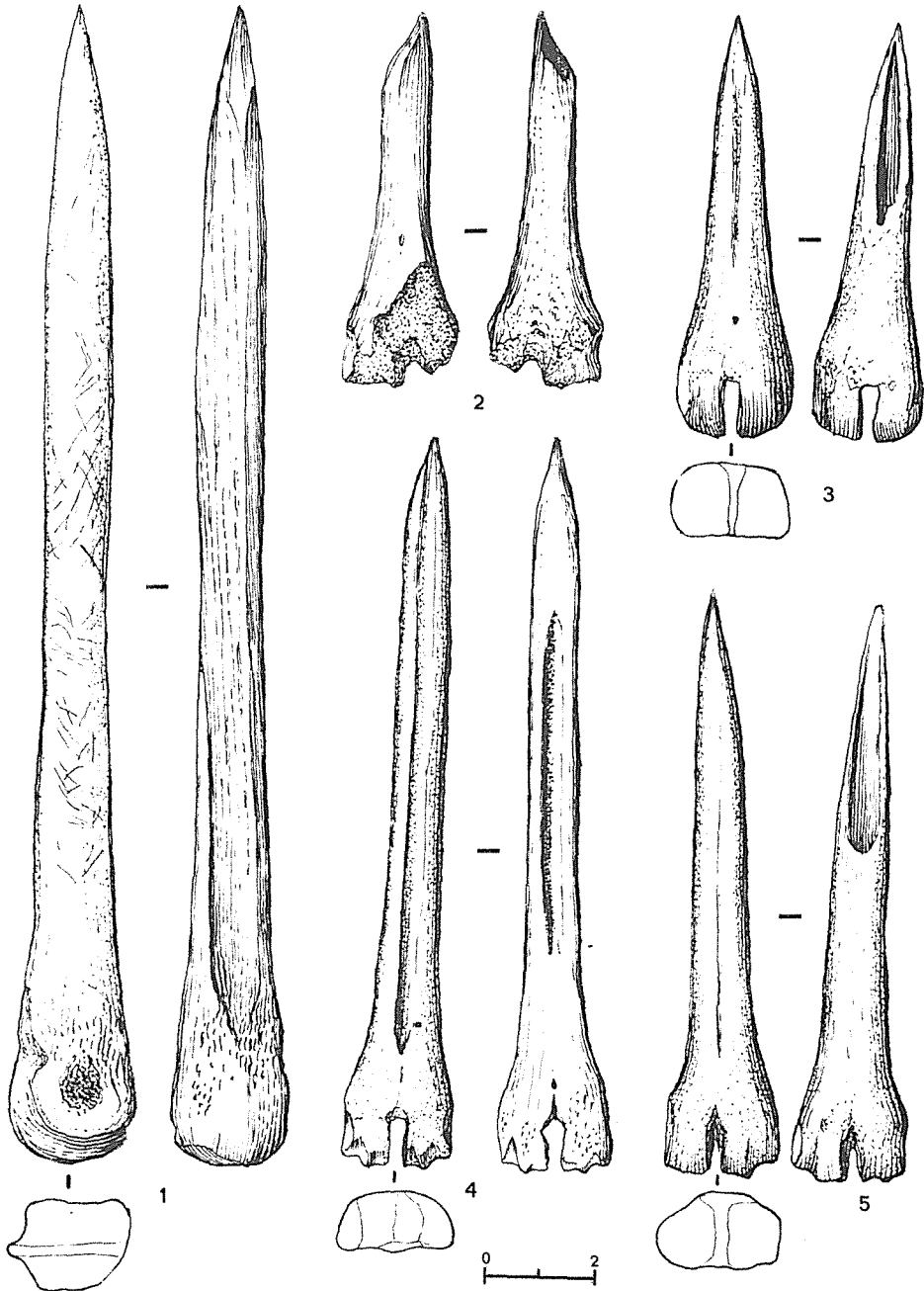


Fig. 1 — Reprodução da planta de superfície do Grupo 14 da Galeria 2 (Galeria 11 da planta de 1992). Contexto funerário correspondente a uma provável deposição secundária.

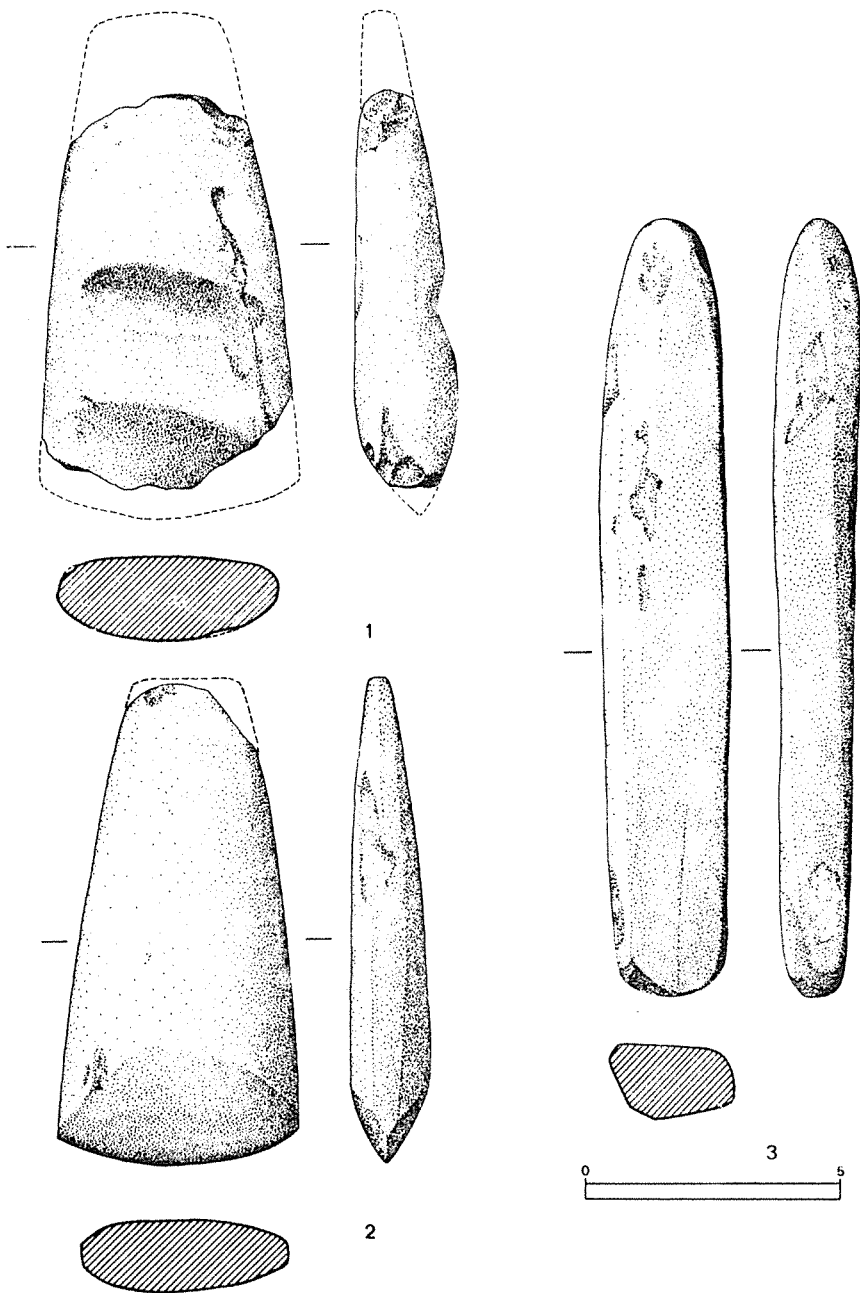


Cerâmicas:
1 – Vaso de boca elíptica. 2 – Pequeno vaso esférico. 3 – Vaso hemisférico
(desenhos de Helena Figueiredo).



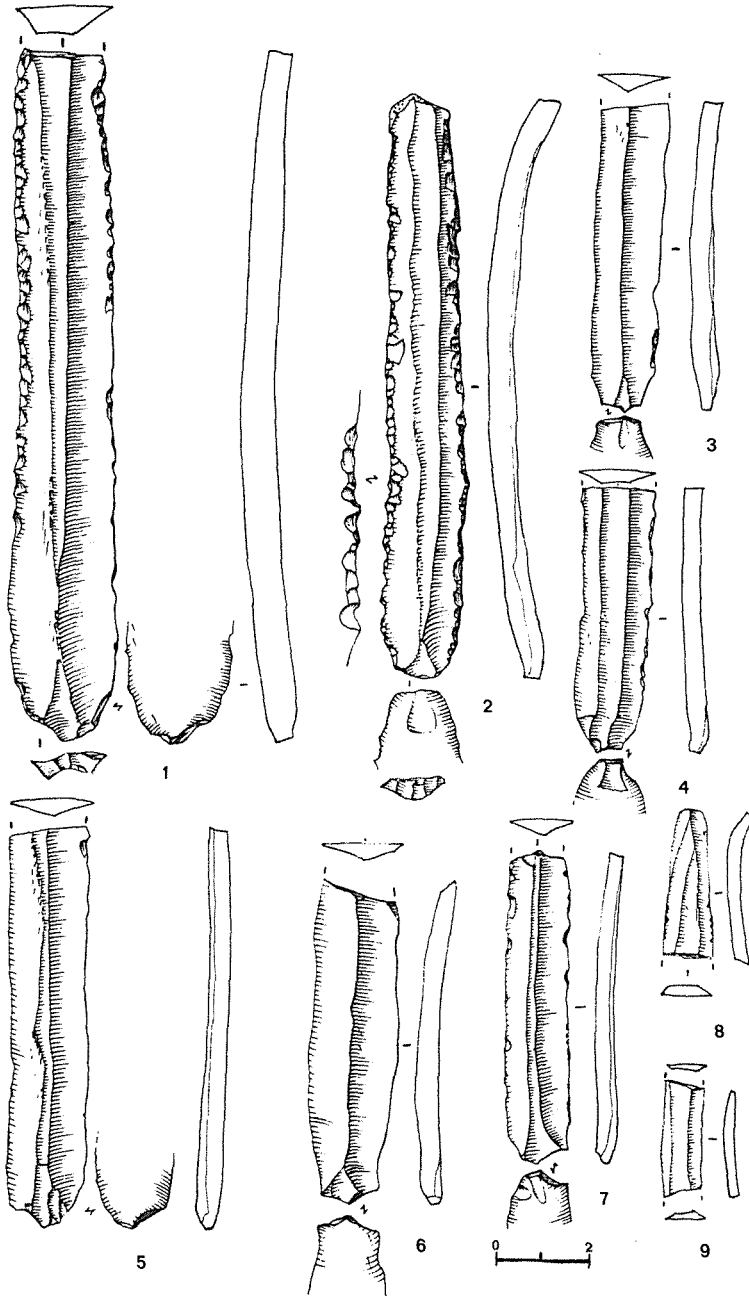
Furadores em osso:
 1 - Sobre metápode de *Cervus elaphus*; 2-5 - Sobre metápodes de ovicaprídeos
 (desenhos de Thierry Aubry).

Est. VIII

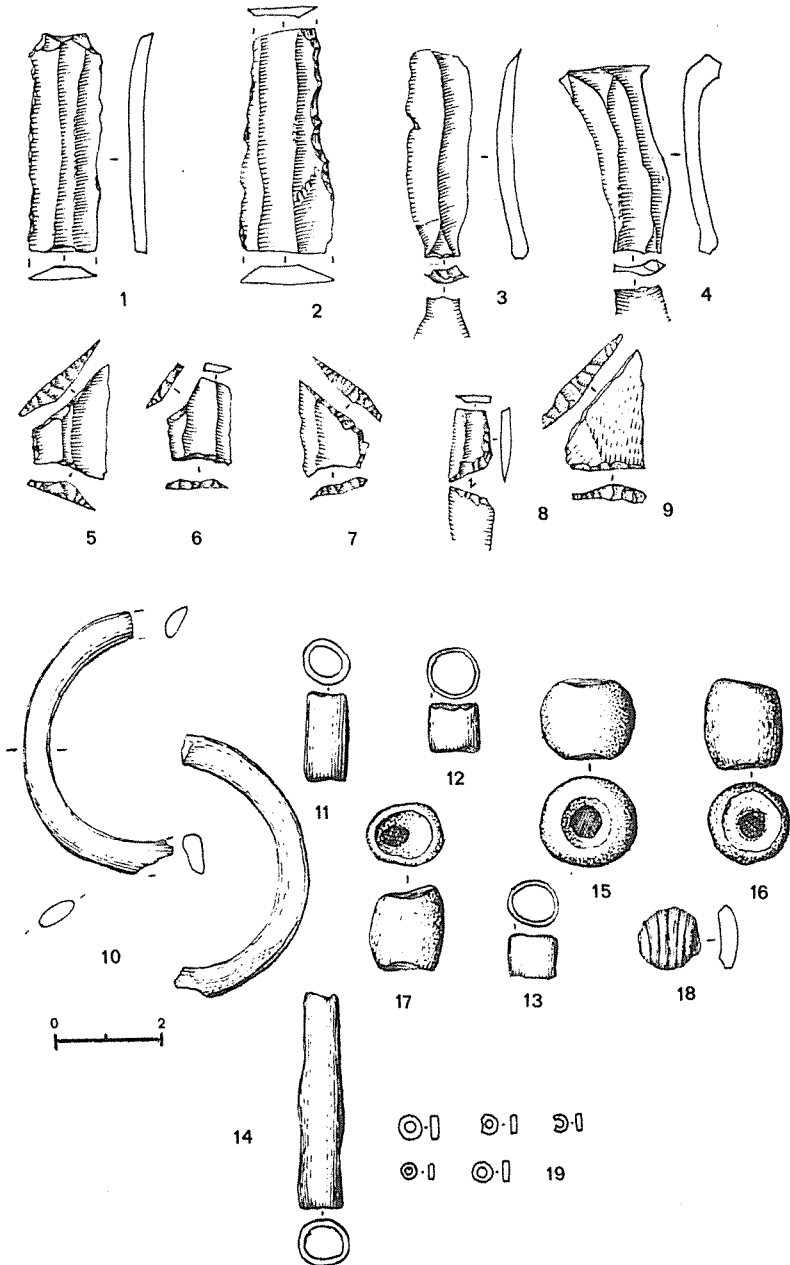


Pedra Polida:

- 1 - Machado com sulco transversal; 2 - Enxó; 3 - Alisador
(desenhos de H. Figueiredo).



Lâminas e lamelas
(desenhos de Thierry Aubry).



1-4 - Lâminas; 5-7, 9 - trapézios; 8 - elemento de foice; 10 - fragmento de pulseira em concha *Glycymeris*; 11-14 - contas em osso; 15-17 - contas cilíndricas; 18 - concha de *Cerastoderma edule* recortada; 19 - 5 contas discóides (desenhos de Thierry Aubry).